

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN - FAMECOS
CURSO DE JORNALISMO

VICTÓRIA PEREIRA CITTON

**A PRESENÇA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NA MÍDIA TRADICIONAL E
INDEPENDENTE: O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA
(MST) NO JORNAL ONLINE SUL21 E PORTAL GAÚCHAZH**

Porto Alegre
2020

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN - FAMECOS
CURSO DE JORNALISMO

VICTÓRIA PEREIRA CITTON

**A PRESENÇA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NA MÍDIA TRADICIONAL E
INDEPENDENTE:**

O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST) NO
JORNAL ONLINE SUL21 E PORTAL GAÚCHAZH

Porto Alegre

2020

VICTÓRIA PEREIRA CITTON

**A PRESENÇA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NA MÍDIA TRADICIONAL E
INDEPENDENTE:
O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST) NO
JORNAL ONLINE SUL21 E PORTAL GAÚCHAZH**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo pela Escola de Comunicação, Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
Orientadora: Prof.a Dra. Ivone Maria Cassol
Área de Concentração: Jornalismo

Porto Alegre

2020

VICTÓRIA PEREIRA CITTON

**A PRESENÇA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NA MÍDIA TRADICIONAL E
INDEPENDENTE:
O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST) NO
JORNAL ONLINE SUL21 E PORTAL GAÚCHAZH**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo pela Escola de Comunicação, Artes e Design da
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
Orientadora: Prof.a Dra. Ivone Maria Cassol
Área de Concentração: Jornalismo

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA:

Prof.a Dr.a Ivone Maria Cassol (PUCRS)

Prof. Dr. Celso Schröder

Prof. Dr. Juan Domingues (PUCRS)

Porto Alegre

2020

AGRADECIMENTOS

A idealização do tema desta monografia surgiu depois da minha participação na disciplina de Reportagem, com o professor Juan Domingues, e finalizei o ano de 2019 com ideia para meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na ponta da língua. A pauta da minha reportagem era a respeito da tentativa de implementação de um polo carboquímico a poucos quilômetros de Porto Alegre.

A partir do trabalho de pesquisa me envolvi com aqueles que batalharam para que a Mina Guaíba não saísse do papel. Assim, conheci o Assentamento Apolônio de Carvalho e alguns dos seus moradores, responsáveis pela produção de uma enorme quantidade de alimentos orgânicos e que seriam diretamente atingidos pela construção da mina de carvão. Com isso me motivei a compreender como muitas pessoas não conheciam os projetos e ações potencializadas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e assim conclui que produzir um trabalho de pesquisa abordando a construção da imagem do MST verificando a presença do movimento em dois dos maiores veículos midiáticos de Porto Alegre pudesse me ajudar a entender.

Com isso inicio os meus agradecimentos ao professor Juan Domingues, que foi quem plantou a semente para o desenrolar deste trabalho. Logo, ao pensar na construção da pesquisa, é inevitável não pensar no protagonismo da professora Ivone Cassol, durante os meses de produção consegui me manter calma, que foi essencial para o desenvolvimento do trabalho, e com certeza foi a partir dos nossos encontros semanais. Compartilhava com os amigos e familiares que a pandemia havia interrompido a minha terapia mas que a Ivone acabou tornando-se a voz que me acalmava e incentivava durante as semanas. Por isso, professora, também te agradeço profundamente.

O meu processo particular na Universidade passou por diversos altos e baixos, houve momentos em que aquele espaço não fazia mais sentido e momentos que acreditava que apenas a Universidade poderia fazer com que eu me tornasse alguém que eu acreditasse. Durante os longos anos que estudei na FAMECOS, justamente o que mais me ensinou foi o tempo com ele entendi que os nossos processos são únicos e por mais lentas ou rápidas que as coisas aconteçam, tudo, absolutamente tudo, um dia vai fazer parte da gente. Por isso, também agradeço ao

tempo, o tempo que passou, que levou e que ficou. As lembranças boas e as ruins que me tornaram gigante.

Nunca imaginei ao longo do meu percurso na Universidade que produziria o Trabalho de Conclusão de Curso praticamente isolada, durante uma pandemia que atingia o mundo inteiro. Poucas pessoas estiveram ao meu lado durante esse processo, a minha sorte é que quem esteve presente foi exatamente aquelas que eu necessitava. Agradeço imensamente aos companheiros com quem compartilho o lar e me motivaram a escrever o melhor trabalho possível.

E por fim, mas não menos importante, agradeço à minha família pelo carinho e palavras de conforto, não apenas neste semestre, mas durante toda a minha vida.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso busca investigar a representatividade dos movimentos sociais, aqui mais especificamente o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em veículos da mídia tradicional e independente. Para isso partimos da sustentação teórica proposta por Traquina (2005) que divide, o jornalismo moderno, em dois polos: ideológico e econômico. Selecionamos o jornal online Sul21 e o portal GaúchaZH como base de sustentação para análise, reunindo as matérias produzidas, em 2019, pelos dois veículos a respeito do MST, objetivando identificar fatores que representam as distinções que compõem a linha editorial de cada jornal. Quais são as formas que os meios de comunicação hegemônicos representam o MST? A contra-hegemonia que simboliza os movimentos sociais também está presente nos meios de comunicação? A partir da construção do jornalismo e da análise dos conteúdos publicados pelos veículos pretendemos responder esses questionamentos. A partir da construção do jornalismo e da análise dos conteúdos publicados pelos veículos, percebemos que a concepção de jornalismo e a forma como este é exercido tem reflexos na representação que cada um faz do MST no noticiário, o que explica a maior ou menor presença do movimento nos meios de comunicação.

Palavras-chave: Jornalismo e movimentos sociais. MST. Sul21. GaúchaZH.

ABSTRACT

This Course Conclusion Paper seeks to investigate the representativeness of social movements, more specifically the Landless Rural Workers Movement (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, in Portuguese), in traditional and independent media. For that, we started from the theoretical support proposed by Traquina (2005) that divides modern journalism into two poles: ideological and economic. We selected the online newspaper Sul21 and the portal GaúchaZH as a basis for analysis, gathering the articles produced in 2019 by the two vehicles regarding the MST, aiming to identify factors that represent the distinctions that make up the editorial line of each newspaper. What are the ways that the hegemonic media represents the MST? Is the counter-hegemony that symbolizes social movements also present in the media? Based on the construction of journalism and the analysis of the content published by the media, we intend to answer these questions. From the construction of journalism and the analysis of the content published by the media, we realize that the concept of journalism and the way it is exercised has repercussions on the representation that each one makes of the MST in the news, which explains the greater or lesser presence of the movement in the media.

Keywords: Journalism and social movements. MST. Sul21.GaúchaZH.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Fotografia que abre a primeira matéria analisada do Sul21.....	43
Figura 2	Fotografia de abertura da segunda matéria analisada do Sul21	45
Figura 3	Segunda fotografia da segunda matéria analisada do Sul21	46
Figura 4	Terceira fotografia da segunda matéria analisada do Sul21.....	48
Figura 5	Última fotografia da segunda matéria analisada do Sul21	49
Figura 6	Fotografia de abertura matéria analisada GaúchaZH	50

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Planos de assinatura oferecidos pelo Jornal Portal Online GaúchaZH (valores referentes a 20 de outubro de 2020)	30
Quadro 2 Planos de assinatura oferecidos pelo Jornal Sul21 (valores referentes a 20 de outubro de 2020)	31
Quadro 3 Relação das categorias de identificação e matérias produzidas pelos jornais Sul21 e GaúchaZH	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A NOTÍCIA COMO FORMADORA DE OPINIÃO PÚBLICA	13
2.1 O CAMINHO DO JORNALISMO E A SUA FUNÇÃO SOCIAL	13
3 OS POLOS DOMINANTES NO CAMPO JORNALÍSTICO E OS MOVIMENTOS SOCIAIS	25
3.1 OS POLOS ECONÔMICOS E IDEOLÓGICOS	25
3.2 NARRATIVA E CONTEXTO DOS JORNAIS SUL21 E ZERO HORA	27
3.2.1 ZERO HORA	27
3.2.2 SUL21.....	30
3.3 OS MOVIMENTOS SOCIAIS E A IMPRENSA	33
3.4 O MST E O ELO DE PRINCÍPIOS COM A MÍDIA INDEPENDENTE	36
4 ANÁLISE DAS NARRATIVAS SOBRE O MST	39
4.1 MATÉRIAS SOBRE MST PUBLICADAS EM 2019 POR SUL21 E GAÚCHAZH.....	39
4.2.1 Sul21: <u>“MST vai plantar 100 milhões de mudas de árvores em dez anos para reflorestar o Brasil”</u>	42
4.2.2 Sul21: <u>“Acampamento do MST às margens do Paraopeba sente os efeitos do rompimento da barragem”</u>	45
4.2.3 - GaúchaZH: “Justiça manda MST desocupar terreno do governo do Estado”	49
4.2.4 - GaúchaZH: <u>“Incrá rompe com MST e determina fim de diálogo com líderes sem-terra”</u>	52
4.3 RESULTADOS DA ANÁLISE	53
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS.....	59
APÊNDICES	61

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar a presença dos movimentos sociais na mídia, empenhando-se em compreender a representação social dos mesmos a partir das notícias vinculadas. Inicia-se a reflexão identificando o cenário atual dos meios de comunicação de massa, que concentram poder em poucos veículos construindo uma agenda restrita a respeito dos temas abordados.

O autor do livro "Opinião Pública", Walter Lippmann (1922 apud TRAQUINA, 2008, p. 15) "defendia que os *media* são a principal ligação entre os acontecimentos no mundo e as imagens que as pessoas têm na cabeça acerca desses acontecimentos". A presença dos movimentos sociais na mídia ou a falta destes indicam a visibilidade da pauta, sua construção de sentidos e possíveis discussões que geram. A partir do momento que os movimentos sociais, aqui mais especificamente o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), pouco se fazem presentes no espaço da mídia, logo a população acaba por se distanciar da realidade construída pelo grupo.

Pensando no campo dos movimentos sociais, o MST é tido como um dos mais amplos e organizados da América Latina. O movimento é fruto da discussão agrária que é estrutural e histórica no Brasil. Historiadores do movimento, como Akcelrud¹, contam que multidões que perderam suas terras, que foram privados de emprego nos latifúndios e expulsos pela tecnologia pela falta de mão de obra qualificada uniram-se em busca de uma nova política agrícola.

Criado formalmente no Primeiro Encontro dos Trabalhadores Sem Terra em 1984, quando a ditadura militar estava perto de seu fim, o grupo rapidamente ocupou espaço nas redações por suas altas atividades. Porém o coletivo foi perdendo espaço entre as pautas e sendo encaixado em uma perspectiva fixa sustentada pelos meios de comunicação de massa. Os Sem Terra são fundamentalmente constituídos por comunidades camponesas, que estão distantes do cerne das decisões, que se encontram nas grandes cidades. A presença na mídia e a imagem por ela sustentada é uma forma de qualificá-los como agentes sociais para que possam participar dos debates em torno de decisões importantes para o país.

¹ (1987 apud GUARESCHI, 2000).

O jornalismo conquistou reconhecimento histórico justamente pela defesa da justiça social, dos direitos humanos, dos valores democráticos e pelo seu compromisso ético, sendo esses alicerces fundamentais da profissão. Logo, perceber e dar visibilidade aos movimentos sociais está na base do jornalismo. O afastamento a respeito é uma aparente contradição à história da profissão.

Com isso, essa pesquisa busca analisar o papel do jornalismo na representação do MST hoje, com base nas notícias veiculadas em 2019 em dois dos maiores veículos jornalísticos gaúchos, o jornal online Sul21 e o portal GaúchaZH. Refletindo a respeito do jornalismo moderno com o objetivo de compreender o papel da narrativa moldada pela mídia na construção da perspectiva da sociedade a respeito dos movimentos sociais.

Com o objetivo de fundamentar e discutir o assunto são consultados autores como Nelson Traquina, com as obras Teorias do Jornalismo - Volume I e II (2004 e 2008) e Beltrão (2007) abordando os estudos e teorias do jornalismo e Nelson Sodré (1998) contemplando a respeito da história do jornalismo. Além disso, Rodrigo Alsina (2009) que auxilia com suas reflexões sobre a construção da notícia, tratando dos critérios de noticiabilidade e as funções sociais.

Com estudos aprofundados e relevantes a respeito dos movimentos sociais, são abordados Cristiane de Souza Reis (2011), Goés (2007) e Laureano (2007). A respeito da perspectiva ideológica e ética contribuem autores como Guareschi (2000) com os livros “Os Construtores da Informação e Comunicação e Controle Social”, além de Ciro Marcondes Filho (1985) participa com a perspectiva política e imaginária nos meios de comunicação de massa, além de Herman e Chomsky (2003) e Lippmann (1922).

Para a elaboração desse estudo serão utilizadas as técnicas de pesquisa bibliográfica e documental, como também a análise e comparação de conteúdos. As duas vertentes de pesquisa, primeiramente citadas, têm o documento como objeto de investigação, se diferenciando pelo tipo de arquivo estudado. A análise e comparação de conteúdo, a respeito dos movimentos sociais, tem como objeto de estudo o jornal online Sul21 e o portal GaúchaZH, no ano de 2019. O uso de documentos permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão social.

Organizada em cinco capítulos, incluindo entre esses a introdução e a conclusão, a presente monografia examina, no capítulo "A Notícia como formadora de opinião pública", o papel do jornalismo no debate a respeito da influência da

categoria na construção da opinião e como recurso de justiça social. Tecendo as considerações sobre o jornalismo que ao narrar os fatos, constrói essa realidade, também são retomadas as teorias do jornalismo e os critérios de noticiabilidade.

O capítulo três apresenta um panorama que visa introduzir os movimentos sociais do Brasil com o intuito de construir uma base sólida para a discussão. Neste contexto, adentra o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), revendo sua história e relacionamento com a mídia.

A quarta parte do estudo é dedicada à análise da construção da notícia em dois veículos de credibilidade em Porto Alegre anteriormente citados. Buscando compreender as narrativas embasado no conteúdo publicado a respeito do MST no jornal online Sul21 e no portal GaúchaZH. O último capítulo se desenvolve em torno das considerações finais do estudo.

2 A NOTÍCIA COMO FORMADORA DE OPINIÃO PÚBLICA

Para dar início a compreensão da prática jornalística e seus efeitos na sociedade, o presente capítulo propõe analisar a ligação histórica da profissão com a função de serviço social para assimilar os seus conceitos e princípios. Sabe-se que o jornalismo se legitima no seu exercício, possibilitando aos seus leitores o acesso à uma informação de credibilidade, e agregando conhecimento à população com o intuito de fomentar a participação social e democrática.

É de extrema necessidade ressaltar os princípios éticos da profissão, defendidos pela Associação Brasileira de Imprensa (ABI), como o direito à informação, busca pela realidade objetiva e autêntica, responsabilidade social, respeito ao interesse público e a diversidade de culturas, defesa dos direitos humanos, entre outros.

Para Virgínia Fonseca², autora da tese de doutorado "O jornalismo no conglomerado de mídia", levando em conta o aumento da perspectiva de que o jornalismo virou um mercado e a notícia um mero produto, devemos sempre lembrar de nos perguntarmos "qual é o papel do jornalismo na sociedade?". A manutenção constante e necessária no campo midiático depende da visibilidade dada a esses conceitos. Com eles é possível fortalecer tanto a profissão, como a democracia.

2.1 O CAMINHO DO JORNALISMO E A SUA FUNÇÃO SOCIAL

No sentido de interpretar o papel do jornalismo na formação da opinião pública e como se consolidou o mercado atual, propomos uma breve análise das fases da profissão que antecederam a atual. O objetivo da revisão proposta nos próximos parágrafos não é de construir uma linha cronológica e completa da história da profissão e sim trazer perspectivas a respeito da prática e da função do jornalismo pautadas durante o seu percurso histórico.

Na perspectiva de Marcondes Filho (2000), que delineia a história da profissão com início em 1789 à metade do século XVIII, o jornalismo exercia a função de esclarecer as discussões políticas e ideológicas diante da necessidade insistente, colocada pelo Iluminismo, de divulgação de novos discursos. O domínio do conhecimento e da informação era usado como forma de controle, com a

² (2005 apud REGINATTO, 2016).

instauração do jornalismo a autoridade passa a ser questionada e não mais naturalizada.

A Gazeta do Rio de Janeiro, criada em 1808, marca o início da imprensa no Brasil junto da chegada de D. João XI, com objetivo de divulgar as ações proferidas pela coroa, o conteúdo se sustentava basicamente com notícias do continente Europeu. O jornal pertencia às forças coloniais e se mantinha distante do povo. Para Sodré (1999), nada nele se fazia atrativo ao público e essa também não era a preocupação de quem o havia criado, assim Armitage pontua a respeito do princípio da imprensa:

Por meio dela só se informava ao público, com toda a fidelidade, do estado de saúde de todos os príncipes da Europa e, de quando em quando, as suas páginas eram ilustradas com algum documento de ofício, notícias dos dias natalícios, odes e panegíricos da família reinante. Não se manchavam essas páginas com as efervescências da democracia, nem com a exposição de agravos (SODRÉ, 1999. p. 20).

Neste mesmo momento, em consequência da Revolução Francesa iniciada em 1789, a Igreja e as Universidades perderam espaço e poder como resultado do avanço das ideias iluministas da época. Com isso o jornalismo foi ganhando força e ocupando um espaço que antes pertencia às instituições. Assim as informações deixaram de remeter aos antigos poderes e iniciou-se uma abertura pela conquista da informação. Marcondes Filho pontua que:

E a Revolução Francesa, símbolo da queda de regimes monárquicos e do poder aristocrático, foi também, ao mesmo tempo, a conquista do direito à informação [...]. Assim, todo o saber acumulado e reservado aos sábios passa agora a circular de forma mais ou menos livre. E são os jornalistas que irão abastecer esse mercado (MARCONDES FILHO, 2009 apud SAMPAIO E BRUMATTI, 2017, p. 3).

Porém, o jornalismo ainda era conduzido pelos próprios políticos que faziam dos impressos um canal de mensagem das suas propostas para o país. A característica presente era de uma vertente política-literária onde os jornais tornaram-se um espaço de formação para aqueles que buscam visibilidade no âmbito político. Outro ponto importante foi a criação das redações dentro dos veículos separando as funções de diretor e editor criando um distanciamento entre o dono dos jornais e aqueles que produziam notícias.

Segundo Marcondes Filho (2000) os próprios jornalistas exerciam papéis na política, e os jornais tornavam-se o seu porta-voz. Logo, a mídia exercia função de

formação estadista e o lucro ficava em segundo plano. As redações em sua grande maioria eram clubes compostos por governantes ou aspirantes políticos que se uniam para disseminar seus projetos. Na sequência, a ideia do jornalismo como um quarto poder começou a ser colocada em pauta. Uma discussão que hoje é diretamente atrelada aos conceitos da democracia, apontado pelo teórico de teorias do jornalismo Nelson Traquina:

A concepção de “quarto poder”, surge ainda em 1828, definida por um deputado do Parlamento Inglês, Thomas Macaulay. Ele se referiu à imprensa como o quarto poder tendo como quadro de referência os três poderes da Revolução Francesa – o clero, a nobreza e o povo. A questão a ser destacada aí em relação às finalidades do jornalismo é um duplo papel do jornalista: porta-voz da opinião pública, dando expressão às diferentes vozes no interior da sociedade que deveriam ser consideradas pelos governos, e vigilante do poder político, que protege os cidadãos contra os abusos dos governantes (REGINATTO, 2016, p. 24).

Com o início da revolução burguesa, nas primeiras décadas de 1800, a sociedade passa pelo processo de disputa por políticas de massa entre o nacionalismo, socialismo e liberalismo e as manifestações populares tomam as ruas. Agora tanto os partidos políticos como os operários pleiteavam o poder da mídia e a sua liberdade institucional torna-se pauta em diversos países da Europa. A partir disso, nos anos seguintes, a imprensa popular na Europa ganhava forma com campanhas operárias e socialistas. As empresas jornalísticas iniciam o desenvolvimento da produção sensacionalista e acelerada de notícias em busca do lucro (MARCONDES FILHO, 2000).

A evolução histórica e atual do jornalismo está ligada diretamente com o desenvolvimento de tecnologias. A criação de novas máquinas resultou imediatamente em novas formas de se comunicar. De acordo com Marcondes Filho (2000), a segunda fase, surge a partir da metade do século XIX, juntamente com as novidades tecnológicas. As consequências para o campo midiático partem da necessidade, agora imprescindível, das empresas lucrarem para sustentarem as novas tecnologias. Com isso, a mídia se torna refém da modernização das máquinas e se afasta do conceito de uma atividade de livre pensamento e política para focar-se em um maior número de vendas.

O século XIX terminou ao mesmo tempo que se deu início aos primeiros congressos internacionais que discutiam o jornalismo como profissão. Os princípios

assegurados pelos encontros são expostos pelo autor de "Ética da informação", Daniel Cornu (1998):

a) assegurar à população a informação exata, honesta e completa à qual ela tem direito e oferecer proteção contra os abusos e desvios; b) proteger aqueles cuja profissão é informar contra todas as formas de pressão ou de constrangimento que os impeçam de transmitir à população a informação assim definida, ou que os induzam a agir contra suas consciências; c) assegurar a circulação da informação dentro da sociedade, de acordo com a missão fundamental da imprensa nos regimes liberais, o que implica tanto o livre acesso dos jornalistas às fontes de informação, em nome dos direitos do público, quanto o livre acesso do público à expressão dos meios de comunicação (CORNU, 1998 apud REGINATTO, 2016, p. 2)

Com o desenvolvimento das empresas jornalísticas, os pequenos jornais transformaram-se em conglomerados de comunicação. Deles estruturaram-se o monopólio da informação concentrando-a em um número menor de veículos. Com essa mudança os impressos passaram à subordinação de interesses dos proprietários. O valor de troca, apontado por Marcondes Filho (2000), foi a grande mudança na atividade, o que passou a importar era o lucro e não mais o caráter da mercadoria. As indústrias de publicidade e relações públicas ganharam maior espaço nos jornais com a finalidade de um maior investimento de capital visando a ampliação do valor das empresas no mercado.

Para Herman e Chomsky (2003), atrelar a propaganda à mídia resulta na ideia de que o "propósito social" dos veículos seria de legitimar o programa econômico, social e político dos grupos privilegiados que dominam a sociedade. Os autores citam a maneira que esse papel pode ser exercido: "pela seleção de tópicos, distribuição de assuntos, enquadramento de questões, filtragem de informação, ênfase e tom, e mantendo o debate dentro dos limites de premissas aceitáveis" (HERMAN e CHOMSKY, 2003, p. 360).

A partir do crescimento da profissão compreendeu-se o poder do jornalista perante a sociedade e a perspectiva da necessidade de um ensino superior direcionado para os profissionais. Em 1904, Joseph Pulitzer³, aponta a posição singular do jornalista e a influência poderosa acerca das discussões políticas, se tornando uma peça chave na sociedade, evidenciando que a opinião pública é fundamental para a construção política do estado e que por isso esses profissionais deveriam receber uma maior atenção.

³ (2009 apud REGINATTO, 2016).

Com a chegada da publicidade como influência externa ao jornalismo juntamente com a expansão do capitalismo, a imprensa começou a chamar a atenção do sociólogo Max Weber que estudava, na época, a Sociologia da Imprensa. Em 1910, o autor escreveu um artigo indagando questões a respeito das consequências do desenvolvimento capitalista na imprensa e como isso resultaria na função social dos jornais referente ao papel que desempenha na formação da opinião pública. Weber (2005) pontua que a demanda de aumento de capital se tornou uma característica marcante na imprensa e que isso resultaria em um maior monopólio das empresas existentes. Pontuando que a imprensa acarreta modificações na interpretação do homem sobre o mundo, modificando a conformação, o modo e a sua maneira de refletir.

Porém o jornalismo não se sustenta apenas por ideologias capitalistas e mercantis, para Eugênio Bucci (2000), a profissão em si consiste em um exercício ético que sempre caminhará junto da necessidade em expor aquilo que querem esconder e que o cidadão tem direito de saber. A problemática na profissão não seria a exposição de convicções ideológicas e sim, não as esclarecer.

O que não pode haver é uma ligação formal de subordinação pública entre o jornalista e setores públicos ou privados. Ele está na profissão para obedecer aos interesses públicos, devendo eliminar sempre qualquer possibilidade de alinhamentos escusos (BUCCI, 2000, p. 168).

Segundo Schudson⁴, a função interpretativa foi trazida, em 1930, pelo teórico Herbert Brucker que indica o período em que os leitores compreendiam a necessidade de uma maior compreensão dos fatos pela crescente complexidade do mundo, exigindo maior clareza e profundidade nas notícias. Logo, demonstrando a necessidade de um trabalho mais empenhado e participativo dos jornalistas. A função de controle social exercida pela imprensa é reafirmada compreendendo a mídia como um assistente para interpretar a realidade:

[...] ajuda o indivíduo a interpretar a realidade, permite a participação na discussão política, joga papel importante nas relações econômicas, graças a ela poder-se-ia conseguir a aceleração dos processos de melhoria social e extensão da democracia, promove a realização da utopia liberal, é uma ponte entre as massas democráticas e as elites aristocráticas (BERGER e MAROCCO, 2008 apud REGINATTO, 2016)

⁴ (2010 apud REGINATTO, 2016);

Conforme explana o sociólogo britânico Anthony Giddens⁵, Max Weber também compreendia que mesmo levando em conta a grande importância da economia, as ideias e os valores fundamentais eram essenciais para as transformações sociais. Compreende-se então a necessidade do trabalho opinativo no jornalismo, apontado por Carlos Lacerda⁶ como uma “função universitária”, que para além da notícia, a opinião inspire um aprofundamento sobre aquilo que está sendo vinculado.

A teoria da responsabilidade social do jornalismo aparece na sequência, com o teórico alemão Michael Kunczik⁷, que parte a análise no estudo das funções da comunicação de massa. A imprensa livre se mostra como o centro da teoria cuja ação é socialmente responsável pois está incondicionalmente atrelada às obrigações perante a sociedade. Para isso, a teoria se divide em seis funções:

1. servir ao sistema político, fazendo com que, em geral, a informação e a consideração dos assuntos públicos sejam acessíveis;
2. informar ao público para que este possa adotar uma ação autodeterminada;
3. proteger os direitos do indivíduo como vigilante do governo;
4. servir ao sistema econômico – por exemplo, unindo compradores e vendedores através da publicidade;
5. proporcionar entretenimento (que significa somente “bom” entretenimento, seja ele qual for);
6. preservar sua autonomia financeira, para não vir a depender de interesses e influências especiais (KUNCZIK 1997 apud REGINATTO, 2016, p. 31).

Esses pontos também podem ser resumidos em política, economia, educação e entretenimento apontadas por Luiz Amaral⁸. A função política teria como objetivo direcionar os acordos comerciais do estado, como também controlar a opinião pública. Já o conceito econômico seria o jornalismo sendo um fator favorável ao desenvolvimento comercial e industrial. A educativa aborda o conceito mais importante pois aponta para o papel do jornalismo em fornecer a realidade sobre o mundo, sempre preocupando-se com a verdade. A função da mídia como entretenimento seria o exercício de possibilitar um maior bem-estar ao homem. Porém, no caso de países socialistas, o autor pontua que a principal função seria a educativa.

Finalizando o raciocínio proposto por Marcondes Filho (2000), na atualidade nos encontramos na quarta e última fase do jornalismo, a qual teve início nos anos

⁵ (2012 apud FONSECA e SEIBT, 2015).

⁶ (1949 apud FONSECA e SEIBT, 2015);

⁷ (1997 apud REGINATTO, 2016);

⁸ (1969 apud REGINATTO, 2016).

70, com o aumento do uso de práticas persuasivas e o avanço dos sistemas eletrônicos que virtualizam e volatilizam a prática. Concebe-se o conceito de *rede* e a informação torna-se universal e constante.

Para Traquina (2004), o ponto de partida seria a transição das notícias em gênero e serviço, além do processo de profissionalização da categoria resultando em uma maior auto estima e *status social* da profissão. Conforme enfatiza Greenwood⁹o processo de profissionalização acaba por forçar a categoria adaptar-se como pré-requisito para sucesso na carreira.

O século XX também foi marcado, na perspectiva do teórico cultural e sociólogo Stuart Hall, pela influência da mídia na formação da opinião pública, justamente o que se discute no texto “A produção social das notícias: O mugging nos media”. É importante perceber que o autor evidencia que a maior parte da população não tem poder direto a respeito das decisões que influenciam suas próprias vidas. O autor chama atenção para o fato de que tanto a política como a opinião mantêm-se concentrados em uma parcela restrita da população. A mídia teria o papel de fazer a ligação e mediação entre esses meios, visando representar a sociedade, principalmente aqueles que estão à margem (HALL, 1999 apud REGINATTO, 2016).

Trabalhando em uma perspectiva semelhante, o pesquisador e jornalista Luis Beltrão (1980 apud VIZEU, 2007) desenvolve um pensamento crítico a respeito do jornalismo e o seu funcionamento no Brasil fundamentando em uma relação dialética entre teoria e prática. Para Luiz Beltrão (1980 apud REGINATTO, 2016), o jornalismo exerce a função de um instrumento público que difunde conhecimento visando um bem comum, sendo assim tornando-se fundamental para a permanência e a evolução do indivíduo e da sociedade, ainda, conforme Beltrão, sem ele estaríamos perdidos em incertezas.

Fundamentado na compreensão da informação como essencial para o desenvolvimento da sociedade, a autora Mar de Fontcuberta (1993 apud REGINATTO, 2016), tece a relação direta entre a informação e a liberdade. Para a autora, a informação de qualidade possibilita que a sociedade tome decisões efetivas em suas vidas. Todavia chama a atenção para a necessidade da qualidade ao invés de quantidade, enfatizando que um número descontrolado de notícias pode

⁹ (1975 apud TRAQUINA, 2004).

acarretar em um anestesiamento e desinteresse do público, dificultando a análise sobre aquilo que realmente seria necessário discutir.

Nessa discussão, Fontcuberta (1993) problematiza que, além das finalidades sociais de informar, formar, entreter e tematizar, os meios perseguem um objetivo comercial: ganhar dinheiro. A autora entende que a priorização cada vez maior dos aspectos comerciais implica um progressivo abandono das funções sociais de informar e formar e que, a partir daí, se potencializa a função de entreter a qualquer preço, o que em muitos casos acarreta a perda da responsabilidade social atribuída ao jornalismo. (FONTCUBERTA 1993 apud REGINATTO, 2016, p. 41)

A ligação com a democracia também é pauta entre muitos teóricos. Ao abordar a liberdade da imprensa e os reflexos perante a sociedade, há de se discutir a relação com o sistema democrático e a sua manutenção. Para Davis Merritt (1995 apud REGINATTO, 2016), ignorar essa ligação obrigatória acarretaria em um “mal-estar” na vida pública. Porém pontua que a sociedade necessita mostrar interesse em relação aos seus direitos, caso contrário, o jornalista não conseguiria cumprir o seu dever sozinho.

O jornalismo enquanto prática profissional, por sua vez, surge e se retroalimenta no seio democrático. De acordo com Traquina (2012), existe uma relação simbiótica entre jornalismo, democracia e cidadania. Segundo ele, a partir da teoria democrática o jornalismo “deve ser um veículo de informação para equipar cidadãos com ferramentas vitais ao exercício dos seus direitos e voz na expressão de suas preocupações [...]” (TRAQUINA, 2012 apud MONTIPÓ, 2018 p.2).

A compreensão da história da democracia representativa no Brasil e o vínculo com o jornalismo parte do conhecimento da existência, consideravelmente recente, do estado democrático de direito. A mídia foi fortemente afetada pelo golpe militar de 1964, perdendo muito da autonomia que havia conquistado a partir de diversos atos de censura que marcaram o país e a imprensa. Recentemente completados 35 anos do fim deste período, que durante sua vigência corrompeu os direitos e fortaleceu as desigualdades da sociedade brasileira. Logo, assegurar a democracia surge enquanto um dever do jornalismo com a população.

Ao mesmo tempo muitos veículos se fortaleceram durante o período (1964-1985) através de diversos financiamentos concedidos pelo Estado com o intuito de fomentar as instituições no sistema capitalista e receber apoio político. Com isso, criava-se uma relação de dependência entre a mídia e o Estado,

indicando a razão pelo afastamento de alguns veículos da luta pelo fim do regime militar.

Um exemplo da interferência econômica sobre o jornalismo, potencializada no regime militar, foi o que Mattelart (1973 apud GUARESCHI, 1991) chamou de “maior exercício do marketing internacional do Brasil”. Uma campanha organizada pelo governo divulgando um suposto “milagre brasileiro”. Por um valor de meio milhão de dólares, foram reunidas quatro das maiores empresas de publicidade que planejaram uma campanha, em cinco línguas, enviada para as maiores publicações de países capitalistas da época.

Paralelamente às grandes empresas midiáticas, o campo dos meios de comunicação independentes passou a se expandir. Pequenos jornais começaram a ocupar o espaço de denúncia do sistema opressor sustentado pelo estado. Ao abordar o jornalismo e a democracia, Montipó defende que “ a mídia independente e plural é condição indispensável para um sistema político democrático” (MONTIPÓ, 2018, p.9).

O artigo "Jornalismo e democracia: tensionamento não democráticos", escrito pela Criselli Montipó (2018) apresenta o relatório Media Ownership Monitor (MEDIA, 2017) que questiona “Quem controla a mídia no país?”, apontando que se grande parte da informação de massa disseminada é controlada por um número restrito de empresas midiáticas, logo a pluralidade de informações e de pontos de vista seria rasa. A busca pela diversidade presente na democracia caminha junto da necessidade de visibilidade de veículos independentes para além da mídia tradicional. A pesquisa também assinala, que neste sentido, a mídia no Brasil estaria em alerta vermelho:

O sistema de mídia brasileiro mostra alta concentração de audiência e de propriedade, alta concentração geográfica, falta de transparência, além de interferências econômicas, políticas e religiosas. Embora proibido constitucionalmente, o Brasil possui um número representativo de políticos donos ou acionistas de meios de comunicação, conforme evidenciou o estudo. (MEDIA, 2017 apud MONTIPÓ, 2018, p. 10)

Ao abordar a conexão da democracia com o capitalismo, Jardim e Brandão (2014) apontam a desordem que resulta da ideia análoga aos dois termos, prejudicando a interpretação individual de cada conceito. Segundo Cunha (2017), a imersão do jornalismo em grandes empresas midiáticas, fadadas à dependência de

um imenso fluxo de capital, compõe um cenário de distanciamento dos verdadeiros conceitos democráticos. Colocado pelo autor como a gênese de um “conjunto midiático hegemônico de direita, regressivo e monopolístico-familiar” (CUNHA, 2017, p. 54).

Ao perceber o papel chave do jornalismo para a sustentação da democracia, o autor do artigo "Um ponto cedo na democracia: os meios de comunicação", Luis Felipe Miguel (2000) apresenta uma classificação para elucidar a função dos meios de comunicação nas democracias. Para isso, o conceito de democracia é dividido em três tipos: limitada, republicana e deliberativa. Assim, ele classifica a primeira por aquela estritamente controlada pelos governantes e distante de qualquer participação popular; sobre a republicana, o autor defende o desenvolvimento dos sujeitos como importante e os divide em desenvolvimentistas e comunitaristas; e a deliberativa aponta o debate público como central para o sistema democrático. Porém, o autor conclui que:

Em resumo, os meios de comunicação não encontram espaço em nenhuma das três correntes da teoria democrática. Os democratas limitados tendem a considerar a formação das preferências apenas na esfera privada e, assim, esvaziam o aspecto comunicativo da política — aliás, esvaziam a atividade política em si. Entre os autores classificados na corrente republicana, a ênfase à participação política no pequeno grupo faz com que as formas de comunicação mediada sejam deixadas de lado. Os democratas deliberativos, por fim, preocupam-se fortemente com a comunicação, mas apenas no contexto de um ideal normativo, apresentado de forma abstrata. Com isso, a mídia (o canal concreto da comunicação política nas sociedades contemporâneas) é, mais uma vez, ignorada. (MIGUEL, 2000, p. 64)

Traquina (2002), ao abordar o jornalismo como quarto poder (além dos três Executivo, Legislativo e Judiciário) dentro do sistema democrático destaca que pela constância do uso de fontes oficiais pelo campo acaba que o poder instituído e o status quo sejam amparados pela própria imprensa. Porém, a mobilização pode partir de movimentos sociais e de protesto buscando novos métodos comunicativos visando a inclusão de suas pautas na mídia tradicional de massa. No entanto, Medina (2006 apud REGINATTO, 2016) questiona a concepção dos estudos jornalísticos a respeito do conceito de quarto poder. A autora ressalta:

Noções como inclusão e exclusão, qualidade de vida, direitos humanos e da natureza ultrapassam a esfera clássica dos poderes republicanos e da democracia liberal. Ao se considerar mercado e sociedade civil, a estrutura

política tradicional não dá conta da produção simbólica coletiva. O profissional que dá significados a tudo isso, ao narrar o que se passa à sua volta, não pode se ater às versões dominantes (direito divino) nem se constituir em tribuno (direito liberal) de determinadas motivações político-econômicas (MEDINA, 2006, apud REGINATTO, 2016 P. 48).

Para Sylvia Moretzsohn, o papel do jornalista é evidente, aquele que deve estar onde o público não consegue chegar. Mesmo que o conceito concedido de 'quarto poder' possa ser problemático, pois “mascara a defesa de interesses particularistas em nome do interesse geral - é o que garante ao jornalista o reconhecimento social de seu papel de mediador” (MORETZSOHN, 2007 apud REGINATTO, 2016, p. 49).

Como exposto neste capítulo, diversos autores durante a história do jornalismo escreveram a respeito do elo imprescindível entre a profissão e a sua responsabilidade social perante a sociedade. Assim, durante a sua consolidação, também compreendeu-se a dependência do interesse público. O serviço prestado pela imprensa advém da união desses dois pontos, compreender e efetivar o seu trabalho requer buscar resultados sociais positivos, que resultaria no interesse do público na mídia visando desfrutar desses resultados em suas vidas.

Para João Paulo Cunha (2017), desvincular a imprensa da sua herança conservadora é essencial para o seu êxito, principalmente levando em consideração o recente fim do regime ditatorial vivido no país, que foi fonte da submissão ao poder, além das ameaças à liberdade. Para os autores, a dependência profunda dos interesses econômicos e conversadores é causa da descontextualização política, banalização das desigualdades e incitação à intolerância. Desta forma, os autores pontuam: “a mais forte tradução desse jogo é a dificuldade de levar adiante no país um debate consistente em relação à regulação democrática do setor, mesmo com os princípios inscritos na Constituição de 1988” (CUNHA, 2017, p. 54).

Pensando a respeito da regulação democrática do campo jornalístico é imprescindível discutir sobre os veículos independentes. Refletir acerca da mídia alternativa é pensar o desenvolvimento de uma imprensa pública, democrática e independente. Por fim, os autores destacam, “a emergência de novas experiências populares e alternativas, tanto no aspecto de combate ao viés de classe da imprensa tradicional, como na construção de uma contra-hegemonia consistente” (CUNHA, 2017, P. 55).

Para dar seguimento à discussão proposta pelo presente trabalho, o próximo capítulo aborda a construção da notícia nos jornais Sul21 e GaúchaZH e os seus resultantes. Sendo esses, dois dos maiores veículos de mídia do Rio Grande do Sul, que retratam notoriamente os conceitos de mídia independente e convencional, respectivamente. Os dois veículos apresentam diferenças claras em sua história, concepção e posicionamento e a pesquisa pretende entender essas diferenças e seus reflexos.

A partir deste presente capítulo, onde discutimos os propósitos do jornalismo e a sua responsabilidade perante a sociedade, damos seguimento ao analisar os efeitos e as diferenças entre os dois discursos midiáticos. Assim, almejando interpretar os impactos na população de acordo com os conteúdos publicados por esses veículos durante o ano de 2019. Para isso, a pesquisa usa como base a vinculação de matérias, que discorrem sobre movimentos sociais e a sua representação, em dois pólos midiáticos diferenciados. Aqui, mais especificamente, trabalharemos com a abordagem sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), pela atividade intensa desde sua criação em 1984 e grande representação social sendo considerado um dos maiores movimentos sociais da América Latina.

3. OS POLOS DOMINANTES NO CAMPO JORNALÍSTICO E OS MOVIMENTOS SOCIAIS

Com a finalidade de discutir o desenvolvimento de um jornalismo público, democrática e independente, o presente capítulo pretende analisar o campo jornalístico e a vinculação de notícias que abordam os movimentos sociais. Visando compreender os princípios que sustentam os discursos midiáticos, partimos de um estudo comparativo de dois dos maiores veículos do Rio Grande do Sul, o jornal online Sul21 e o portal GaúchaZH, a partir do jornal Zero Hora. Com esse objetivo iniciamos com o raciocínio proposto por Traquina (2004) que identifica dois dominantes no campo jornalístico: “econômico” e “ideológico”.

Na perspectiva dos movimentos sociais fundamentamos a pesquisa no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) pelo motivo de ser considerado um dos maiores movimentos sociais da América Latina, além da perenidade de uma estruturação sólida e ativa no Brasil desde a redemocratização. Com isso pretendemos interpretar os discursos jornalísticos a respeito do MST e a relação com o posicionamento editorial dos veículos.

3.1 OS POLOS ECONÔMICO E IDEOLÓGICO

O conceito dos polos econômico e ideológico são discutidos por Traquina (2004) no primeiro volume do livro “ Teorias do Jornalismo - Porque as notícias são como são”, onde o autor aborda a perspectiva comercial da profissão, com início no século XIX, quando as notícias passaram a ser uma mercadoria, sendo o seu principal intuito, o lucro. Inteirando com a visão ideológica, que entende a imprensa como um elo fundamental para a sustentação da democracia, tendo como o seu principal objetivo servir socialmente à população.

Os agentes da criação destes dois conceitos, que na perspectiva econômica, exemplificam o afastamento da imprensa dos seus preceitos básicos, são justificadas pelo autor em alguns pontos: a estruturação econômica e integrada por trás das empresas jornalísticas; a globalização e a desregulamentação do setor audiovisual.

Porém, anteriormente essas definições foram apresentadas por Pierre Bourdieu (1997), no livro "Sobre a televisão: A influência do jornalismo e os jogos

olímpicos", que apontou a necessidade de uma reflexão sobre a instrumentalização da profissão. Como abordado no capítulo anterior desta pesquisa, o autor se refere ao período da chegada da tecnologia na imprensa resultante da ascensão do capitalismo. Logo, pode-se perceber a influência do poder econômico nas repressões à mídia advindo da ascensão do capitalismo. Segundo Bourdieu (1997), há uma censura invisível presente na imprensa que resulta na perda de autonomia e na imposição dos assuntos. Aqui, mais especificamente, o autor trata do setor televisivo.

No entanto, é ressaltado um mal-entendido resultantes das análises, onde os jornalistas, que são objetos do estudo, voltam-se a taxar as premissas como ataques pessoais, mais especificamente como um controle do profissional. Logo, o autor pontua:

Quanto mais se avança na análise de um meio, mais se levado a isentar os ínvodos de sua responsabilidade - o que não quer dizer que se justifique tudo que se passa ali - , e quanto melhor se compreende como ele funciona, mais se compreende também que aqueles que dele participam são tão manipulados quanto manipuladores. (BOURDIEU, 1997, p. 21)

Diante disso, o autor salienta que a correlação com o mercado afeta primeiramente os próprios jornalistas e a partir disso diversos campos da sociedade sofrem dessa premissa econômica. Com a intenção de assimilar o nível de interferência do mercado e a autonomia dos jornais perante essa realidade, Bourdieu (1997) sugere perceber o quanto de suas receitas provém da publicidade e do Estado, além da concentração de anunciantes nas empresas. Assim, o grau de autonomia do jornalista em particular está diretamente ligado à proximidade do polo intelectual ou comercial que está posicionado no veículo jornalístico o qual trabalha.

Para Traquina (2005), a compreensão dos dois polos pode partir da ideia do campo jornalístico como um campo magnético com duas extremidades opostas. O polo positivo seria associado ao *ideológico* em que os ideais do profissional definem a profissão como um serviço à sociedade, sustentando o sistema democrático e protegendo os cidadãos de possíveis abusos de poder. Isto posto, o polo negativo seria o "econômico", pois nesse sentido o jornalismo estaria mais próximo dos interesses comerciais e do lucro a qualquer custo, distanciando-se da ideologia formadora da imprensa.

É importante também refletir a respeito do mito da imparcialidade, mesmo que depois de muito discutido dentro e fora do campo jornalístico, tenha perdido a credibilidade. Sabe-se da inviabilidade tanto do jornalista como do veículo de publicar um conteúdo inteiramente imparcial, da mesma forma que qualquer cidadão não conseguiria praticá-la inteiramente. Para Alsina (2009, p. 113), em sua obra *A construção da notícia*, “não existe leitura da realidade que seja descontextualizada e que não seja objetivada. O sujeito observador é o que lhe confere sentido ao acontecimento”.

São diversos os atravessamentos externos que compõem a construção do fato e inviabilizam a neutralidade completo, o vínculo com o mercado é uma delas. Com isso, Traquina (2002) pontua o fator econômico como determinante para captar como e porque as notícias são como são. O ideal não seria a busca por um lugar de isenção e sim uma manifestação transparente dos veículos a respeito dos seus posicionamentos.

3.2 NARRATIVA E CONTEXTO DOS JORNAIS SUL 21 E ZERO HORA

3.2.1 ZERO HORA

O Jornal Zero Hora foi fundado no dia 4 de maio de 1964 logo após o fechamento, imposto pelo regime militar, do jornal Última Hora. O jornalista Samuel Wainer foi o fundador do impresso no ano de 1951 e foi afastado pelos militares que encerraram as atividades da redação um dia após o golpe ser realizado no país. A última edição do Última Hora rodou no dia 2 de abril de 1964, com uma imagem em sua capa do então presidente João Goulart em sua chegada a Porto Alegre, no Aeroporto Salgado Filho¹⁰.

Logo, a história do Jornal Zero Hora tem início juntamente com a do regime militar no país (BORGES, 2008). O antigo diretor do jornal popular Última Hora, Ary de Carvalho, reabriu as redações um mês depois do fechamento do antigo veículo, fundando o Jornal Zero Hora. Segundo Jardim e Brandão (2014), o fechamento do jornal Última Hora, um dos principais e maiores jornais de massas ligado ao campo popular, foi um marco no contexto da repressão militar sobre a mídia que se estenderia por 21 anos. Os autores evidenciam:

10 Página do Memória Famecos: Fecha Última Hora e nasce Zero Hora em 1964. Disponível em: <http://projetos.eusoufamecos.net/memoria/fecha-ultima-hora-e-nasce-zero-hora-em-1964/>. Acesso em 14 de outubro de 2020.

O jornal de Samuel Wainer havia derrotado o baronato da imprensa em vários campos: no ideológico, com sua linha nacionalista que quebrou a homogeneidade do discurso tradicional; no sentido da forma, ao revolucionar o jornalismo brasileiro; no mercadológico, conquistando o maior número de leitores; e no institucional, ao conseguir altos financiamentos do Estado, antes exclusivos do baronato (KUCINSKI, 2003 apud JARDIM E BRANDÃO, 2014, p. 153).

Para Borges (2008), logo de início, o novo jornal deixou evidente a tentativa de distanciar-se do perfil político do seu antecessor. No editorial de abertura intitulado - "Servir ao povo é o nosso lema"- o texto tenciona criar uma proximidade maior com os gaúchos e um afastamento da antiga linha editorial, que mantinha um discurso de apoio ao Jango, presidente destituído pela ditadura e contrário ao golpe:

Nasce hoje um nôvo jornal. Autênticamente gaúcho. Independente. Democrático. Sem vínculos ou compromissos políticos. Nasce com um único objetivo: servir ao povo, defender seus direitos e reivindicações, dentro do rêspeito às leis e às autoridades. O aparecimento de ZERO HORA, totalmente desligada da Rêde Nacional de jornais que anteriormente editava Ultima Hora, sômente foi possível com a compra do controle acionário da Editora Flan S.A. por um grupo de gaúchos representantes das diversas classes sociais. A par de sua orientação popular, ZERO HORA se manterá numa linha de defesa dos princípios cristãos e de apoio a todos os que, sem medir esforços ou sacrifícios, lutam para impedir a implantação em nosso país de ideologias contrárias às nossas tradições democráticas. [...] (ZERO HORA, 4 de maio 1964, capa apud BORGES, 2008, p. 11)

Ao analisar o discurso proferido no editorial percebe-se que o risco de interferência na "ideologia" colocado em pauta refere-se, segundo a Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento da época, a uma possível interferência de um "comunismo internacional". Portando verifica-se, que desde o primeiro editorial, o jornal moldava uma estratégia anticomunista e favorável ao regime militar (BORGES, 2008).

Segundo Leal e Dillenburg¹¹ [2009?] a associação de Ary de Carvalho com Mauricio Sirotsky, família até hoje é proprietária do jornal Zero Hora, como também do Diário Gaúcho, além de 12 emissoras de televisão que compõe a RBS TV e 6 frequências de rádio, aconteceu perante um déficit econômico na empresa que estava próxima da falência, com salários atrasados há meses aos seus servidores.

11 CPDOC: Centro de Pesquisa e Documentação. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/zero-hora>. Acesso em 14 de outubro de 2020.

Com essa união, em dois anos (1969), o jornal passou a imprimir 15 mil exemplares por hora e a circular em 110 municípios gaúchos. Com uma equipe de 200 funcionários a empresa adquiriu um prédio na Avenida Ipiranga, onde até hoje mantém-se a redação. Em 1975, o impresso chegou a ultrapassar o até então líder de vendas do estado, o jornal Correio do Povo.

Segundo Brittos e Andres (2008), a Zero Hora passou por diversas modificações durante os seus mais de 50 anos de história, atuando conforme os preceitos da racionalidade de uma gestão capitalista, destacando o investimento de novas tecnologias e equipamentos.

Desde a união com Mauricio Sirotsky a empresa permaneceu na família, como a própria empresa no intuito de “Empresa de controle familiar”¹², sendo a presidência sucedida por Jayme Sirotsky, Nelson Sirotsky, Eduardo Sirotsky e atualmente Cláudio Toigo Filho. A partir de uma iniciativa de Maurício Sirotsky, se iniciou a parceria com a Rede Globo, no ano de 1967, transformando o grupo na maior e mais antiga afiliada da rede.

Hoje, o Grupo RBS, conta com a RBSTV e mais 11 emissoras que compõem a rede estadual, sendo responsável por cobrir cerca de 98,8% do Rio Grande do Sul, alcançando quase todos os 497 municípios e com um número de aproximadamente 11,2 milhões de telespectadores. O grupo é integrado também os jornais Diário Gaúcho, Pioneiro e Zero Hora. Com exceção do Pioneiro que conta com a redação em Caxias do Sul, os impressos fazem parte de uma redação integrada com mais de 300 profissionais trabalhando com impresso, rádio, vídeo e digital. No rádio, a RBS é composta pela Rádio Atlântida, CBN Porto Alegre, Rádio Farroupilha, Rádio Gaúcha, 92FM e Rádio 102.3. Na internet, o portal GaúchaZH, que também é responsável por disponibilizar o conteúdo publicado pela Zero Hora, além dos portais ClicRBS e G1 RS.

Em um estudo do Marplan Brasil Pesquisas, realizado no ano 2000, Porto Alegre era a capital brasileira com o maior número percentual de leitores de jornais. Segundo a pesquisa, a Zero Hora juntamente com o Diário Gaúcho, alcançavam 76% da população com idade superior a 15 anos, somando 1,4 milhão de leitores (LEAL E DILLENBURG, [2009?]).

12 Site do Grupo RBS: Quem somos. Disponível em: <https://www.gruporbs.com.br/quem-somos/governanca-corporativa/>. Acesso em 15 de outubro de 2020.

Hoje a Zero Hora mantém uma estrutura de negócio sólida sendo um dos maiores jornais do Brasil. Mantém-se com a venda dos jornais impressos, além de um plano de assinatura dos mesmos, como também um plano de assinatura do portal *online* apresentado no quadro 1 (abaixo). Nos portais é adotado o sistema de *paywall* que exige o pagamento do leitor para acessar alguns conteúdos. O jornal lucra também através da publicidade tanto nos jornais impressos como no portal *online*. Em março de 2020, o portal GaúchaZH, na soma do site e aplicativo, contou com o recorde de visualizações com 96,9 milhões de *pageviews*.

Plano	Valor
<p>GZH DIGITAL LIGHT</p> <ul style="list-style-type: none"> • Acesso ilimitado ao site e app GZH • Clube do Assinante • Aplicativos Colorado e Tricolor • Cancelamento a qualquer momento 	R\$ 22,90 / mês - por 12 meses
<p>GZH DIGITAL TOTAL</p> <ul style="list-style-type: none"> • Acesso ilimitado ao site e app GZH • Clube do Assinante • Aplicativos Colorado e Tricolor • Versão digital do Jornal ZH • Cancelamento a qualquer momento 	R\$ 36,90 / mês - por 12 meses

Quadro 1 – Planos de assinatura oferecidos pelo Jornal Portal Online GaúchaZH (valores referentes a 20 de outubro de 2020). Fonte: Elaborado pela autora com base no site do GaúchaZH.

3.2.2 SUL21

O jornal digital Sul21, distinto do Jornal Zero Hora, foi fundado recentemente, no ano de 2010, em Porto Alegre. Os princípios ideológicos estão claramente relacionados à democracia como expostos na apresentação institucional no portal do veículo. Com o foco totalmente direcionado para o meio digital, o veículo não possui um periódico impresso. A prática acontece a partir da convergência de mídias, característica própria do jornalismo moderno, com o uso de textos, fotos, vídeos e gráficos acessados exclusivamente pelo site.

Diferentemente do jornal Zero Hora, que se apresenta com um breve texto no Portal do Assinante do Grupo RBS, intitulado-se o jornal mais representativo e com a liderança absoluta em circulação impressa, o jornal Sul21 transcorre um longo

texto de apresentação no site, evidenciando pontos fundamentais no sistema democrático. O veículo assinala:

[...] Nosso noticiário busca sempre a verdade factual, dando oportunidade de expressão a todas as correntes, sejam elas ideológicas, partidárias, religiosas ou esportivas. Defendemos o direito à diversidade, ao contraditório. É do diálogo entre os diferentes que a democracia nasce e se fortalece. Não aceitamos qualquer tipo de preconceito. Ao contrário, garantimos e garantiremos o direito de todos darem a sua versão dos fatos. Asseguramos, também, o espaço para resposta àqueles que, por uma razão ou outra, sentirem-se excluídos ou ofendidos, apesar da nossa firme decisão de não privilegiar nenhuma corrente de pensamento. (INSTITUCIONAL..., [2010]).

O jornal digital apresenta-se prioritariamente como um noticiário político, e deixa evidente a intenção de uma transparência quanto ao seu posicionamento no âmbito. A instituição também coloca a necessidade de contrapor, quando necessário, mesmo tratando de projetos apoiados pelo jornal. Finalizando com a relação direta da sua independência e autonomia com o compromisso com a veracidade dos fatos e a democracia da informação. (INSTITUCIONAL..., [2010])

Outra diferença evidente entre os dois veículos é acerca do tamanho de suas equipes. O Sul21 conta com uma equipe de sete pessoas, entre eles: a editora-chefe, três repórteres sendo compartilhada a função das redes sociais entre dois deles, uma fotógrafa, uma produtora de vídeo e um responsável pelo Marketing, enquanto a Zero Hora, conta com 267 funcionários nas redações. Em decorrência do tamanho da equipe, o jornal concentra grande parte da sua cobertura na capital e interior do Estado.

O jornal digital é contemplado com dois eixos de financiamento: o "apoio dos leitores" que aderem a diferentes planos conforme exposto pelo quadro 2 (abaixo):

Plano	Valor
“Repórter - 21: Sair a campo e coletar informações não é fácil, mas é o primeiro passo para produzir a reportagem. Além de apoiar o jornalismo independente, você receberá conteúdo através da nossa newsletter diária e do whatsapp”.	R\$ 21,00 / mês

<p>“Editoria - 42: Nada é publicado sem a participação de mais pessoas no processo. Apuração, captação, redação e edição exige trabalho em equipe.</p> <p>Além de apoiar o jornalismo independente, você receberá conteúdo através da nossa newsletter diária e do whatsapp”.</p>	R\$ 42,00 / mês
<p>“Redação - 121: Você sabe que produzir conteúdo de qualidade tem valor. Apoiar o</p> <p>plano Redação é contribuir um pouquinho mais com o trabalho do Sul21. Além de apoiar o jornalismo independente, você receberá conteúdo através da nossa newsletter diária e do whatsapp”.</p>	R\$ 121,00 / mês
<p>“Estagiário - 12: A gente sabe que vida de estagiário não é fácil. Pensando nisso criamos um plano para estudantes que também querem contribuir com a produção de conteúdo de qualidade”.</p>	R\$ 12,00 / mês

Quadro 2 – Planos de assinatura oferecidos pelo Jornal Sul21 (valores referentes a 20 de outubro de 2020). Fonte: Elaborado pela autora com base no site do Sul21.

A modalidade apresentada acima é considerada, pela equipe, um apoio ao invés de assinatura, pois nenhum conteúdo disponibilizado no *site* é bloqueado, diferente do proposto pela Zero Hora com o *paywall*. O jornal também participa de outros financiamentos pontuais. Como por exemplo, o programa “É Nós Conteúdo”, que seleciona redações de todo o Brasil para integrarem a iniciativa, financiando uma repórter da redação por um ano. Para algumas coberturas específicas, como as eleições na Argentina, foi feito o financiamento a partir do *crowdfunding*. Além de anúncios, especialmente de sindicatos de trabalhadores de diferentes áreas.

Segundo a editora-chefe, Ana Àvila (2020), com dez anos da sua criação, o Sul21 mantém sua linha editorial, identificando-se como um jornalismo plural, diverso, em defesa da democracia, dos direitos e da liberdade de expressão. Em defesa de todos os trabalhadores, sejam sem terra, sem teto, públicos ou privados, do campo ou da cidade. Além disso, a agroecologia, a segurança alimentar e a defesa do meio ambiente também são temas que são relevantes para o jornal.

3.3 OS MOVIMENTOS SOCIAIS E A IMPRENSA

Como colocado na abertura deste capítulo pretendemos utilizar o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) como base para o sustento desta pesquisa pela perspectiva dos movimentos sociais e assim, investigar a sua relação com a imprensa. Para isso, pretendemos analisar brevemente a construção e consolidação do MST como movimento social e a relação do mesmo com os conceitos de mídia tradicional e independente.

Os trabalhadores rurais, durante a ditadura militar, sofreram represálias violentas durante praticamente todo o período ditatorial. A luta daqueles que trabalhavam incansavelmente na terra era marcada pela violência conduzida pelos jagunços, contratados pelos latifundiários, juntamente com o auxílio do governo militar, que não respeitavam o pedaço de terra historicamente ocupado e cultivado por pequenos produtores e indígenas. Nos últimos anos dos militares no poder, por volta de 1985, a polícia assassinou cerca de um trabalhador rural a cada dois dias no Brasil em conflitos provocados pela disputa de propriedades rurais principalmente em áreas de exploração recente (FERNANDES, 1999 apud DE SOUZA REIS, 2011).

A partir desse cenário de violência e desmanche do regime militar brasileiro que se inicia o processo de concepção do Movimento Dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Para Guareschi, “a não aceitação de dominação que caracterizou o processo de ação camponesa [...]” (2000, p. 201). Para consolidar-se, o movimento contou com o apoio de militantes da Igreja Católica, principalmente da Comissão Pastoral da Terra, que visava unificar as pautas do campo.

Segundo De Souza Reis, “a intensa mecanização da agricultura introduzida durante a ditadura militar expulsou assalariados, arrendatários e parceiros do

campo, mas alguns trabalhadores rurais acreditavam que podiam se organizar e resistir obrando na terra” (2011, p. 114).

Em janeiro de 1984, durante o 1º Encontro dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, em Cascavel (PR), surgiu oficialmente o MST. A reunião concentrava cerca de 90 pessoas, entre elas, trabalhadores rurais, sindicalistas, membros da pastoral e representantes da Comissão Indigenista Missionária - CIMI. Um ano depois, em Janeiro de 1985, com a união de diversos setores da sociedade, o movimento realiza o 1º Congresso Nacional dos Sem Terra, oficializando o seu lema: “Ocupar é a única solução” (DE SOUZA REIS, 2011).

Mesmo antes da sua fundação oficial, a união de diversos camponeses e trabalhadores rurais espalhados pelo país já acontecia. Com uma promessa frustrada, desde 1964, da implementação da reforma agrária, que para além de não ser efetivada ocorreu um grande investimento em tecnologias agrárias que acabou por desvalorizar o trabalho no campo e a situação dos trabalhadores foi se tornando cada vez mais precária.

Como De Souza Reis (2011) aponta que, em 1963, um grupo de 110 famílias acamparam na Fazenda Sarandi, também no Rio Grande do Sul, em uma ocupação intitulada MASTER. Porém, o grupo foi despejado e realocado em uma reserva indígena Kaingang, onde apenas em 1978, os indígenas conseguiram recuperar o seu território e as famílias foram novamente despejadas.

As primeiras grandes atividades do MST aconteceram no Rio Grande do Sul com o intuito de fomentar a batalha pela implementação do Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA). Com aproximadamente 10 mil agricultores, em julho de 1985, tomou forma um acampamento na Fazenda Anoni¹³, em Nova Santa Rita. A ocupação durou três dias e buscava a oficialização do PNRA.

No mesmo ano, em outubro, ocorreu a ocupação com 6.500 agricultores na Fazenda Anoni, que contava com um terreno de 10 mil hectares. O território já estava desapropriado desde 1974 para o assentamento de agricultores que haviam sido expulsos da barragem de Passo Real, porém o terreno ainda não havia sido desocupado (GARCIA, 2000 apud DE SOUZA REIS, 2011).

13 Há dois documentários sobre esta ocupação intitulados Terra para Rose e O sonho de Rose, 10 anos depois, dirigido por Tetê Moraes, no qual acompanha a luta de Roseli Seleste Nunes da Silva e sua família. Aos 26 anos, ela foi morta por um caminhão durante repressão à ocupação da Fazenda Anoni, em Sarandi, no Rio Grande do Sul, em 1985 (DE SOUZA REIS, 2011).

O estado do Rio Grande do Sul, com certeza, foi o maior palco das primeiras ações do movimento. Próximo ao natal de 1980, ocorreu a ocupação da Encruzilhada do Natalino, entre os municípios de Ronda Alta, Sarandi e Passo Fundo. Em uma faixa de quase dois quilômetros, na beira da rodovia, concentraram-se cerca de 600 famílias que montaram acampamento com lonas pretas, que depois viriam a ser uma imagem emblemática do movimento.

Evidenciando a ligação com a Igreja Católica e a participação crucial dos mesmos na estruturação do movimento, o bispo de São Félix do Araguaia (MT), Pedro Casaldáliga celebrou uma missa para as famílias acampadas. O evento chamou atenção do governo, que enviou o major Sebastião de Moura, conhecido como Coronel Curió, para retirar as famílias da beira da estrada. Para isso, o governo federal, através de Curió, ofereceu terras no Estado do Mato Grosso, que faziam parte de um programa de colonização, muitos dos manifestantes aceitaram o acordo (DE SOUZA REIS, 2011).

Refletindo a respeito do papel da comunicação no movimento, é importante ressaltar que a própria imprensa foi responsável pela escolha do nome da organização. De acordo com De Souza Reis (2011), inicialmente a ideia era de intitular-se “Movimento pela Reforma Agrária”, logo os meios de comunicação de massa já haviam popularizado o termo Sem-Terra. Assim, o movimento apropriou-se do nome pela sua já popularidade e acrescentou o termo “Trabalhadores Rurais” referindo-se ao conceito de classe.

Outro ponto importante, foi a preocupação com a elaboração de um boletim informativo, visando construir uma narrativa própria do movimento. O “Jornal do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra” foi criado no acampamento Encruzilhada do Natalino, alguns anos antes da oficialização do movimento, em 1981. Quando o movimento realizou o Primeiro Congresso Nacional, o impresso já contava com 42 edições e estava no seu terceiro ano (DE SOUZA REIS, 2011, p. 106).

Conforme Laureano (2007), atualmente o MST entende-se como um movimento para além da reforma agrária porque o objetivo não mais se restringe ao acesso ao lote de terra para as famílias. Nos assentamentos, pequenos agricultores cultivam em conjunto produtos orgânicos voltados mais para o abastecimento interno, caso do Assentamento Filhos de Sepé, de Viamão, produtor de arroz orgânico. Hoje, a organização percebe o projeto como um caminho para

emancipação social. “Entendendo que o latifúndio representa a exclusão, em todos os níveis, político, social e econômico” (LAUREANO, 2007, p. 83). As ações do movimento pretendem questionar o modelo de sociedade vigente, refletindo sobre um novo projeto social de oposição à ascensão dos princípios capitalistas.

3.4 O MST E O ELO DE PRINCÍPIOS COM A MÍDIA INDEPENDENTE

Segundo Gramsci¹⁴ a concepção de hegemonia engloba diversos aspectos como político, cultural, ideológico e moral que são responsáveis pela construção de um pensamento determinante e dominante. Pensando em um mundo globalizado o raciocínio de hegemonia e contra-hegemônia está diretamente ligado a resistência ao sistema capitalista. Pois para dismantelar o domínio do capitalismo necessita-se moldar uma visão alternativa da sociedade. As manifestações contra-hegemônicas são responsáveis pelas mudanças sociais que buscam uma nova visão de mundo. Ainda, segundo o autor, o movimento contra dominante só pode ser validado ao remodelar as estruturas sociais.

Dessa forma, compreende-se os movimentos sociais como atuantes de maneira contra-hegemônica, em vários campos, o que inclui a mídia. Para Góes (2007), “a mídia pode ser analisada como suportes ideológicos dos sistemas hegemônicos de pensamento, mas também como lugares de produção de estratégias que objetivam reformular o processo social” (GÓES, 2007, p. 4). Logo, a mídia tradicional pode ser vista como representante deste polo dominante, assim sendo, hegemônico, à medida que busca unicamente sustentar um sistema lucrativo a seu favor, caminhando em direção oposta às ações dos movimentos sociais que buscam a transformação da sociedade. (GÓES, 2007). Portanto, podemos identificar na mídia independente o alinhamento com o conceito contra-hegemônico e os movimentos sociais, pois também parte dela a iniciativa de produzir um conteúdo que visa redistribuir o poder e a informação (DE SOUZA REIS, 2011).

Segundo Downing (2002 apud DE SOUZA REIS, 2011, p. 75), que entende a mídia alternativa também como radical, “o papel da mídia radical pode ser visto como o de tentar quebrar o silêncio, refutar as mentiras e fornecer a verdade. Esse é o modelo da contra-informação”. Nesta perspectiva, é impraticável que os meios de

¹⁴ (apud GÓES, 2007).

comunicação alternativos sejam neutros pois parte deles o confronto e a denúncia das injustiças sociais, novamente ao encontro dos movimentos sociais.

Para De Souza Reis (2011), os interesses das empresas midiáticas, controladas pelo Estado e pelo capital, influenciam diretamente nos discursos e manifestações da cultura popular. Discursos que acabam deixados de lado e deturpados para que os veículos consigam sustentar seus interesses. Assim, o conceito de “quebrar o silêncio” apresentado por Downing (2002), expõe o seu propósito, que é se fazer ouvir e possibilitar diferentes versões sobre os casos. Deste modo, disponibilizando ao público a possibilidade de exercer questionamento necessário para manutenção da democracia.

A utilização dos meios de comunicação, hegemônicos ou alternativos, é essencial ao desenvolvimento dos Novos Movimentos Sociais que lutam contra o processo globalizatório dominante. Sem esse meio, em todos os níveis, as lutas acabariam por restringir-se às esferas locais, dificultando em muito sua atuação e sucesso. Antes, e devido à globalização hegemônica, estes grupos eram apenas sem-rostos, inviabilizados, e luta que não é vista, não é conhecida, na realidade não existe, passaram, pois, de uma forma ou de outra, a serem vistos e ouvidos, passaram a incluir suas reivindicações como importantes e necessárias à paz social, tão cara ao contrato social. (DE SOUZA REIS, 2011, p. 73)

Ao se aprofundar nas contribuições que a mídia "radical" (independente) faz a democracia, Downing (2002) pontua fatores que tornam essencial a participação da mídia independente para o contexto democrático:

1. A mídia radical expande o espectro das informações, reflexão e da troca;
2. Não raras vezes é mais sensível às vozes e anseios dos excluídos, principalmente por ter, não essencialmente, mas frequentemente, relação com movimentos sociais, e, até por esta proximidade, algumas vezes, antecipa a agenda de questões que só mais tarde virão à mídia convencional;
3. É mais livre, na medida em que não precisa de subordinar a interesses do capital ou estatal;
4. Sua organização interna tende a ser mais democrática do que hierárquica (DOWNING, 2002 apud DE SOUZA REIS, 2011, p. 76)

Com a ideia de *guerra de posição*, Gramsci assinala, que para alcançar a hegemonia dentro de grupos e classes sociais precisamos adentrar dentro de campos privados de hegemonia, onde os meios de comunicação se encontram. E assim, fomentar o envolvimento das massas objetivando a tomada de consciência do maior número possível de pessoas da população (DE SOUZA REIS, 2011).

No entanto, De Souza Reis (2011) pontua que mesmo sabendo que a mídia independente inevitavelmente acaba por dar mais atenção a assuntos deixados de lado pela mídia convencional, esse espaço de reflexão não deveria ser exclusivo. O que acaba por diferenciar os dois campos seria a intenção de transformação social, enquanto a primeira visa a modificação do status quo, a conscientização política e a luta por direitos, a segunda concentra seus esforços na manutenção do capital.

Chomsky (2002 apud DE SOUZA REIS, 2011) corrobora dizendo que aqueles que estão no poder não tencionam que as suas concepções de mundo sejam acessíveis para que assim os mesmos continuem no controle. O papel dos movimentos sociais acaba por esclarecer e dar visibilidade ao que é encoberto por aqueles que detém o poder, para que assim seja possível a transformação necessária e almejada.

4. ANÁLISE DAS NARRATIVAS SOBRE O MST

Depois das argumentações a respeito da “Notícia como formadora de opinião pública”, no capítulo inicial da pesquisa, seguido pelo esclarecimento acerca dos propósitos da mídia tradicional e independente, bem como uma breve apresentação do Sul21 e Zero Hora e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), damos continuidade ao trabalho com a análise das narrativas dos veículos a respeito do movimento social.

Antes de detalhar o levantamento realizado sobre as notícias veiculadas, cabe explicar os procedimentos metodológicos empregados na pesquisa. Para proceder a análise do material colhido, decidimos aplicar o método análise de conteúdo, conforme Bardin (2016), explorando os aspectos quantitativos e qualitativos da pesquisa.

Segundo Bardin (2016), as fases presentes na análise de conteúdo organizam-se em torno de três polos cronológicos: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. No primeiro polo entende-se a necessidade de organização do conteúdo, objetivando estruturar as ideias iniciais em categorias. Feito isso, partimos para a exploração do material que a autora entende como o período de decodificação. Com o resultado dos dois primeiros polos pode-se tratar e interpretar os resultados a partir de porcentagens e/ou análises fatoriais visando sintetizar as ideias viabilizadas pela análise.

Mas antes de expor as categorias, é necessário conhecer a tipificação temática das narrativas sobre o MST feita por cada veículo pesquisado em 2019 como apresentamos na sequência.

4.1 MATÉRIAS SOBRE MST PUBLICADAS EM 2019 POR SUL21 E GAÚCHAZH

Nesta seção pretendemos detalhar o levantamento de matérias publicadas pelo jornal online Sul21 e o portal GaúchaZH abordando o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no ano de 2019. Com isso, visamos reconhecer um padrão nas narrativas vinculadas para assim correlacionar a linha

editorial dos veículos e obter as atribuições necessárias de identificação com os dois polos principais do jornalismo moderno, intitulados por Traquina (2004), de “econômico” e “ideológico”.

Durante o ano de 2019 foram publicadas 45 matérias a respeito do MST no jornal online Sul21 e 13 publicações abordando o Movimento no portal GaúchaZH, assim totalizando 58 registros. Com o intuito de identificar o interesse da pauta realizada pelo veículo e também facilitar a compreensão da análise, classificamos o conteúdo dos assuntos tratados sobre o MST em 11 categorias que tipificam os temas, quais são: 1) Ocupações e Despejo/Desocupações; 2) Desavenças e Negociações com o governo; 3) Política de Reforma Agrária; 4) Ataques/ Violência; 5) Manifestações; 6) Meio Ambiente e Ações sócio-ambientais; 7) Encontros/Reuniões do MST; 8) Produção de orgânicos; 9) Educação e Saúde; 10) Entrevistas e 11) Ações e Eventos Sócio-Culturais.

Como resultado do levantamento apresentamos a densidade de matérias em cada categoria procurando identificar padrões de representatividade do MST dentro dos veículos, como se pode observar no quadro 3 (a seguir):

CATEGORIAS	SUL21	GAÚCHAZH	TOTAL
1.Ocupações e Despejo/Desocupações	3	4	7
2.Desavenças e Negociações com o governo	2	4	6
3.Política de Reforma Agrária	3	2	5
4.Ataques/ Violência		1	1
5.Manifestações	4	1	5
6.Meio Ambiente e Ações sócio-ambientais	7	0	7
7.Encontros/ Reuniões do MST	8	0	8
8.Produção de orgânicos	7	0	7
9.Educação e Saúde	6	0	6

10.Entrevistas	2	0	2
11.Ações e Eventos Sócio-Culturais	3	1	4

Quadro 3: Relação das categorias de identificação e matérias produzidas pelos jornais Sul 21 e GaúchaZH¹⁵. Fonte: Elaborado pela autora.

Ao analisar o quadro podemos perceber que das 13 matérias publicadas a respeito do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) por GaúchaZH em 2019 mais da metade (8) se concentra em apenas duas categorias, que são: "Ocupações e Despejo/Desocupações" e "Desavenças e Negociações com o governo", ambas apresentam quatro. Enquanto isso as cinco matérias restantes se dividem em outras quatro categorias, que são: "Política de Reforma Agrária", com duas matérias e "Ataques/violência", "Manifestações" e "Ações e Eventos Sócio-Culturais", com apenas uma cada.

No jornal Sul21, onde foram vinculados 45 textos em 2019, as categorias com maior peso de publicações foram: "Meio Ambiente e Ações sócio-ambientais", "Encontros/ Reuniões do MST" e "Produção de Orgânicos". A primeira e última categoria citadas empatam no número de 7 publicações, enquanto os textos de cunho institucional presentes na categoria "Encontros/Reuniões do MST" ficaram em 8. Outro número importante é a totalidade de matérias produzidas por ambos, que expõe uma diferença gritante: GaúchaZH tem 13 publicações, Sul21 45. A produção de GaúchaZH é mais de três vezes menor que a de Sul21.

Assim as classificações já revelam as pautas em destaque em cada jornal demonstrando uma grande diferença em termos de construção de representatividade. As principais abordagens do jornal Sul21 nem sequer são citadas pelo portal GaúchaZH, mostrando com esses pontos a disparidade editorial. GaúchaZH constrói uma narrativa a respeito do MST com base em notícias que discutem apenas as ocupações, muitas vezes apresentadas como "invasões" e as desavenças com o governo. Outros pontos essenciais ao MST, que defende projeto de emancipação social, não são elencados. Da mesma forma, as ações

¹⁵ O quadro completo do levantamento está nos apêndices.

sócio-ambientais e a produção de orgânicos que aparecem em evidência no espaço Sul21 não existem no noticiário produzido pelo representante do Grupo RBS.

Em função do que foi levantado nas categorias de análise na perspectiva quantitativa da pesquisa, realizamos agora o estudo não-quantitativo onde buscamos identificar os sentidos presentes nas narrativas dos veículos. Para isso iremos examinar alguns dos textos das categorias mais presentes nos dois veículos.

No caso do Sul21 examinaremos matérias das categorias Meio Ambiente e Ações Sócio-Ambientais e Produção de Orgânicos deixando em segundo plano a categoria Encontro/Reuniões do MST por fazer parte de uma perspectiva unicamente institucional do Movimento, afastando-se do caráter jornalístico do veículo. No caso de GaúchaZH, as categorias exploradas são Ocupações e Despejos/Desocupações e Desavenças e Negociações com o governo.

Para dar sequência a análise é importante evidenciar que os dois veículos têm estruturas produtivas distintas. Enquanto GaúchaZH mantém grande parte do seu conteúdo com produções próprias, pois disponibiliza de grande número de repórteres, fruto de um maior capital financeiro, o Sul21 trabalha com número muito menor de jornalistas. Sendo assim, essa última publicação oferece conteúdos que são pautas originais de outros veículos midiáticos compartilhadas entre os mesmos. No decorrer da análise, fica clara essa distinção que é apontada sempre que necessário, porém a reprodução de matérias ainda assim faz parte da linha editorial do jornal.

4.2.1 Sul21: “MST vai plantar 100 milhões de mudas de árvores em dez anos para reflorestar o Brasil”

O primeiro texto analisado de Sul21 aborda a perspectiva ambiental do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e é de autoria da jornalista Catiana de Medeiros, responsável pela publicação de conteúdos na página oficial do MST. Segundo entrevista concedida pela editora-chefe do Sul21, Ana Ávila, à autora desta monografia, algumas matérias são duplicadas diretamente da página do MST como também algumas são acrescidas de informações pelos repórteres do jornal. Ana Ávila sinaliza que: "Entendemos que a página do MST, com jornalistas responsáveis, têm a mesma confiabilidade que outras fontes comumente reproduzidas pela mídia em geral, no país todos, como a Agência Brasil ou a

Agência Estado” (ÁVILA, 2020). É importante ressaltar que, dentre as abordagens analisadas, à jornalista, Catiana de Medeiros, corresponde o maior número de publicações tendo escrito 3 das 8 matérias que compõem a categoria "Meio Ambiente e Ações Sócio-Ambientais".

Em função do exposto, compreendemos não ser necessário examinar mais de uma matéria relacionada ao portal do MST, visto que os conteúdos muito se assemelham, sendo que das 7 publicações, duas abordam o mesmo tema. As demais divulgam iniciativas sociais, a partir do fortalecimento ideológico do movimento, já explícito em texto analisado. Assim, conseguimos dar uma maior atenção e dedicação às informações de abordagem diferenciada.

De início, o título impactante aponta a iniciativa do MST de plantar 100 milhões de árvores, o que chama a atenção pela grande quantidade. Além disso, também podemos apontar a potência do título por contribuir com a ideia do Movimento de “reflorestar o Brasil”. Logo abaixo segue uma foto (Figura 1) com diversos integrantes e apoiadores do coletivo reunidos em um galpão acompanhada da legenda: "Atividade reuniu trabalhadores de diversas organizações que apoiam a Reforma Agrária"¹⁶.



¹⁶ Figura 1 - Fotografia que abre a matéria do Sul21. Fonte: Sul21/Comunicação - MST.

O texto escrito por Catiana de Medeiros inicia informando a respeito do "19º Encontro Estadual do Movimento no Rio Grande do Sul" quando foi inaugurada a Campanha Nacional de Reflorestamento que carrega o lema: "Plantar árvores, produzir alimentos saudáveis". Na sequência, a jornalista pontua a necessidade da campanha diante da crise ambiental sofrida pelo país: "A iniciativa surgiu de uma reflexão coletiva a respeito da crise ambiental que avança no país, com liberação em massa de agrotóxicos e queimadas criminosas na Amazônia" (DE MEDEIROS, 2019c). Apesar de caracterizar como "em massa", não há quantificação de agrotóxicos e as "queimadas criminosas" também não são seguidas de comprovação.

O texto diz que para fomentar a iniciativa é preciso a união dos setores público e privado que necessitam fazer compensação ambiental. A primeira fonte apresentada pela autora é Álvaro Delatorre, do Setor de Produção do MST, que caracteriza o papel do camponês no cuidado com o meio ambiente.

Após 5 parágrafos desdobrando a iniciativa de reflorestamento a matéria dá seguimento em 2 subtítulos: "Três dias de debates e planejamento" e "Prioridades do MST". O primeiro aborda os assuntos discutidos na 19ª edição do Encontro Estadual do MST reforçando as ideais presentes por trás do movimento, como a luta pela soberania popular e a justiça social. Em seguida, em "Prioridades do MST", a autora agrega a fala de Salete Carollo, da direção nacional do MST, que narra a necessidade de diálogo com a sociedade a partir da agricultura camponesa. Finalizando a matéria com a listagem de diversos pontos os quais o Movimentos almeja debater como: "relações de gênero, com organização das mulheres e dos sujeitos LGBTQs, além de estudos aprofundados sobre vários temas, como o patriarcado, o machismo e o feminismo camponês e popular" (DE MEDEIROS, 2019c).

Logo, observa-se o esforço em assinalar as reivindicações do Movimento e os preceitos básicos que o regem. O texto é construído em uma narrativa que costura princípios ambientais e sociais para além do papel de ocupações de terras, apresentando com maior profundidade o papel do MST com o restante da sociedade, mostrando a preocupação e ações deste para o bem-estar social. Aqui podemos perceber que o veículo não busca se abster de um posicionamento caminhando por uma linha de parcialidade.

4.2.2 Sul21: “ Acampamento do MST às margens do Paraopeba sente os efeitos do rompimento da barragem”

O segundo texto analisado da categoria “Meio Ambiente e Ações Sócio-ambientais” inicia com uma abordagem diferente da anterior. Neste caso, a reportagem aborda um acontecimento de degradação ambiental, diferente da que divulgava iniciativa de conservação ambiental do MST. A matéria é escrita em parceria com o jornal online Brasil de Fato que publicou o conteúdo no mesmo dia que o jornal digital Sul21. Neste caso, a matéria é redigida pelas repórteres Lu Sudré e Larissa Costa.

Antes mesmo de iniciar o texto, uma foto¹⁷ (abaixo) mostra uma moradora do Acampamento Pátria Livre, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) às margens do Rio Paraopeba que apresenta uma água turva e escura. A foto conta com uma legenda: "Acampada na região, Ângela Fernandes Costa observa com tristeza o rio Paraopeba contaminado. Fonte: Lu Sudré". A união da imagem do Rio contaminado com a legenda evidencia a angústia da moradora.

¹⁷ Figura 2 - Fotografia de abertura da segunda matéria do Sul21. Fonte: Sul 21/ Comunicação.



Em seguida, as palavras contam que que as águas do Rio Paraopeba, em São Joaquim de Bicas (MG), já foram claras e cristalinas, construindo uma ligação com a imagem anterior do rio tomado pela lama. Ao descrever o afluente, as autoras fazem a correlação com o rompimento da barragem da Vale em Brumadinho (MG) e assinalam que as consequências do rompimento atingiram também outras comunidades, além do Córrego do Feijão (MG).

O primeiro subtítulo, “Mudanças na rotina” introduz os efeitos da contaminação no Acampamento do MST, Pátria Livre, informando que o local abriga 400 famílias que produzem alimentos sem agrotóxicos para consumo das famílias, mas que também servem para comercialização. Logo, exemplificando que para além do prejuízo na alimentação da comunidade, as famílias também sofreram com a diminuição de renda pela impossibilidade de seguir vendendo os alimentos cultivados.

Para debater o impacto no acampamento, a matéria conta com o relato da agricultora Angela Fernandes Costa que compartilha sua apreensão:

Como vamos regar nossas plantas? Não tem como. Vamos pegar o veneno, a lama do rio, e jogar na planta? Se o peixe que está lá está morrendo e não está aguentando, imagina a planta [...] É tudo tóxico. Não temos o hábito de usar nada tóxico nas nossas plantações. Nossa alimentação é saudável. Não quero veneno no meu prato (FERNANDES COSTA apud SUDRÉ e COSTA, 2019c)

A matéria segue com uma nova imagem, neste caso, de arquivo pessoal, apresentada abaixo¹⁸, com alguns moradores do acampamento banhando-se no Rio, hoje contaminado. A legenda narra: “As brincadeiras no rio Paraopeba ficaram no passado: toda a água foi contaminada pelos rejeitos da Vale”.



A segunda fonte do texto é oficial. A Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais que confirma a contaminação, seguida pela orientação da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (Emater) para que os produtores rurais não utilizem a água nas plantações, como também para o consumo animal e atividades domésticas, complementando com um trecho da nota disponibilizada pela instituição:

Os mananciais diretamente atingidos pelo rejeito poderão conter substâncias prejudiciais à saúde humana e dos animais. Além disso, a turbidez do rio indica maior quantidade de sedimentos em suspensão, que poderão prejudicar equipamentos de captação de água e de irrigação (NOTA EMATER apud SUDRÉ e COSTA, 2019c).

O segundo subtítulo da matéria é intitulado de “Agroecologia”, onde a autora aborda a perspectiva de dois dos mais antigos moradores do acampamento

¹⁸ Figura 3 - Segunda fotografia da segunda matéria do Sul21 Fonte: Arquivo pessoal/Sul21

responsáveis por uma horta com mais de 50 variedades de frutas e vegetais. Ana Margarida Mendes, 73 anos, compartilha o orgulho de ter deixado os 18 comprimidos que tomava por dia, ao trocar os remédios da farmácia pelas plantas medicinais. As autoras finalizam o sub-capítulo compartilhando a tristeza manifestada na voz e olhar da moradora que perdeu o rio que utilizava para sobreviver. Na sequência, está a imagem (abaixo)¹⁹ da Ana Margarida Mendes e seu marido há 42 anos, Seu Geci.



Nos parágrafos finais da matéria, (SUDRÉ e COSTA, 2019), é apresentada a escola Elisabeth Teixeira, do Estado de Minas Gerais, que conta com turmas do primeiro ano, ensino médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA) localizada às margens do rio. A mãe e moradora do acampamento Josiane Rodrigues do Santos, preocupada com o ensino dos filhos, alerta: “Se tiver alguma enchente ou acontecer um rompimento, a gente está em área de risco [...] Tenho crianças pequenas que necessitam de ar livre, que precisam de uma escola”. Em seguida, aparece a foto da família (abaixo)²⁰:

¹⁹ Figura 4 - Terceira fotografia da segunda matéria analisada do Sul21. Fonte: Lu Sudré/Sul21

²⁰ Figura 5 - Última fotografia da segunda matéria analisada do Sul21. Fonte: Lu Sudré/Sul21



Sudré e Costa (2019) encerram a matéria com um breve histórico do Acampamento Pátria Livre pontuando seu início em 1 ano e 8 meses. Também chamam atenção para as mudanças implementadas pelos militantes do MST trazidas pelas novas hortas, plantações e a construção da escola, propondo discussões com a comunidade a respeito da reforma agrária, da agroecologia e a produção de uma alimentação saudável.

A última fonte do texto é o coordenador estadual do MST, Josimar Aquino, que pontua que o rompimento da barragem é um catalisador para debater os impactos da mineração no meio ambiente. A matéria encerra com o esclarecimento do antigo pertencimento da área ocupada pelo grupo falido MMX, do empresário Eike Batista, condenado a 30 anos de prisão por corrupção ativa.

4.2.3 - GaúchaZH: “Justiça manda MST desocupar terreno do governo do Estado”

Para as considerações em torno das notícias de GaúchaZH, utilizamos o mesmo método aplicado nos textos acima analisados. Dentro das categorias apresentadas, GaúchaZH apresentou o maior número de publicações em duas. Assim, começamos a análise pela que trata de “Despejo/desocupação e ocupações”.

O título escolhido, “Justiça manda MST desocupar terreno do governo do Estado”, é sucinto, apresentando apenas informações pontuais. Diferente dos conteúdos publicados pelo Sul21, a GaúchaZH utiliza o recurso da “linha de apoio”²¹, neste caso o título é complementado com “Decisão é da juíza Mariana Machado Pacheco, que deu cinco dias para que movimento deixe o espaço da Fepagro em Taquari”. A notícia, assinada pela repórter Débora Cademartori, evidencia a decisão da juíza e o prazo dado para a desocupação.

Após o título, linha de apoio, assinatura da repórter e o texto, uma imagem²² (abaixo) mostra o portão da ocupação com uma bandeira do MST, seguida pela legenda: “Área invadida por integrantes do MST”. Aqui nota-se a utilização do termo “invasão” que é questionado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra por pontuarem que o Movimento ocupa áreas em desuso e que invasão seria remover um espaço que estaria sendo utilizado.



No primeiro parágrafo é contextualizado que o território foi ocupado no dia anterior ao pedido de desocupação, localizando-se no Vale do Taquari, em uma área da Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária (Fepagro) sendo de propriedade do governo do Estado. Finalizando o *lead* com a informação, segundo o

²¹ A “linha de apoio” seria o uso de, geralmente, uma ou duas frases, em seguida do título para completá-lo.

²² Figura 6 - Fotografia de abertura matéria analisada em GaúchaZH. Fonte: Roberto Gaiardo/MST

Governo do Estado, que as terras seriam para uso de plantio de culturas com fins de pesquisa.

Na sequência, a autora apresenta a primeira fonte da reportagem com a fala da juíza Mariana Machado Pacheco que se desdobra sobre a sua decisão dizendo que:

põe em risco o plantio de culturas com fins de pesquisa, além de pôr em risco áreas de preservação permanente que fazem parte do Estado, diante dos irregulares cortes de troncos de árvore nativa que podem virem a ser realizados pelos integrantes invasores do MST (PACHECO apud CADEMARTORI, 2019).

A respeito do mandado de intimação a matéria informa que os ocupantes serão informados que devem deixar o local, ou seja, ainda não foi expedida a intimação e que se a área não for desocupada em cinco dias será acionada a Brigada Militar. Outro ponto importante, pois mesmo sem o MST ter sequer recebido a intimação, a repórter achou necessário pontuar o proceder caso ela não seja obedecida.

No quarto parágrafo, Cademartori (2019) exhibe o posicionamento do MST, porém sem nenhuma palavra de um representante, dizendo que o território ocupado está inativo devido à extinção da Fepagro pelo ex-governador José Ivo Sartori. Sendo assim, os trabalhadores apontam que: "o espaço, que poderia ser usado para produção de alimentos, está em situação de abandono, com documentos e móveis cobertos de sujeira" (CADEMARTORI, 2019). O que não condiz com a informação fornecida no início da matéria que justifica a desocupação justamente pela utilização para pesquisa pela Fepagro.

A jornalista finaliza a matéria ainda com o posicionamento dos trabalhadores rurais, sem fonte específica, onde os mesmos argumentam que defendiam as pesquisas que eram feitas pela instituição que funcionava anteriormente no espaço, mas agora com a área em desuso poderia ocorrer uma parceria com o governo do Estado para resgate de semente crioulas.

4.2.4 - GaúchaZH: “Incra rompe com MST e determina fim de diálogo com líderes sem-terra”

O segundo grupo com maior número de reportagens a respeito do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no portal GaúchaZH é a categoria “Desavenças/Negociações com o governo” com um total de 4 matérias, como 3 delas abordam o mesmo assunto foi selecionada a primeira reportagem compreendendo que seria suficiente para o entendimento da análise.

É importante ressaltar que essa reportagem é uma parceria do GaúchaZH com a agência de notícias do Grupo Folha, Folhapress, logo não é apontado o autor da reportagem que direcionada a assinatura diretamente para a agência. Outro ponto que percebe-se de início é que, diferente das matérias produzidas pela própria GaúchaZH, esta não apresenta “linha de apoio” contando apenas com o título para introduzir a pauta.

O texto abre com a decisão do coronel do Exército João Miguel Souza Aguiar Maia de Sousa, novo ouvidor agrário nacional do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), de não receber entidades e representantes que não possuam CNPJ, caso do MST e da maioria dos movimentos sociais. O coronel ainda define, segundo a matéria, os trabalhadores do movimento de invasores e que os mesmos devem ser notificados conforme a lei.

Para elucidar a narrativa do coronel, a matéria esclarece o seu percurso explicando que o ouvidor, egresso da área da inteligência militar, foi selecionado pelo então presidente do Incra, também militar, o general da reserva João Carlos de Jesus Corrêa e assinala que a reportagem procurou o presidente da instituição e não obteve resposta.

Ao contatar a assessoria do Incra, a reportagem da agência obteve uma resposta que é compartilhada na matéria com diversas menções ao texto que foi redigido pelo próprio ouvidor agrário, com uma linguagem sintética o coronel pontua:

Segundo o coronel, "o interessado" que procura as unidades do Incra "só representa a si mesmo, desde que devidamente identificado, na defesa de seus interesses, a não ser que possua procuração para fazê-lo em nome de outrem". Esses interessados, segundo o ouvidor, "poderão ser recebidos e ouvidos, conforme previsão contida na legislação específica". O ouvidor disse ainda, pela assessoria do Incra, que "pretende regulamentar, no mais curto prazo, os procedimentos de audiência concedidas a particulares por agentes públicos em exercício na autarquia". Por fim, o ouvidor afirmou que

"a manifestação do interesse do cidadão é livre e deve ser feita pelos canais que os órgãos públicos mantêm para a comunicação direta e a manutenção do diálogo com a população" (FOLHAPRESS apud GAÚCHAZH, 2019).

Fica evidente que a participação do coronel do Exército João Miguel Souza Aguiar Maia de Sousa é institucionalizada, mesmo na resposta da assessoria nota-se um distanciamento da discussão sobre o objetivo do memorando-circular e quais seriam as consequências do mesmo. Novamente a matéria se debruça sobre o histórico militar do coronel expondo a sua carreira militar que teve início em 1986, na Academia Militar de Agulhas Negras (Aman), com fim como comandante da Escola de Inteligência Militar do Exército (Eslmex) em 2010.

Nos últimos parágrafos da reportagem é informado que procurada a direção nacional do MST preferiu não se manifestar. Em seguida, a matéria procura criar uma relação positiva com o governo do Jair Bolsonaro, mesmo com o rompimento de relações com Incra, mencionando canais de diálogo após iniciativa do general Santos Cruz, ministro da Secretaria do Governo no Palácio do Planalto, que poderia receber em seu gabinete membros do MST. Na matéria não há informação se o encontro aconteceu.

No encerramento é salientado que a posição do novo ouvidor é oposta a trajetória da ouvidoria já que a ouvidoria agrária nacional nasce no Brasil, em meio a uma série de conflitos no campo, com o objetivo de criar um canal de diálogo.

4.3 RESULTADOS DA ANÁLISE

Logo no início da análise, percebe-se que Sul21 e GaúchaZH possuem linhas editoriais distintas. Ao fazer a categorização das matérias dividindo-as por veículo e assunto mais abordado constatou-se uma diferença significativa que em cada veículo se aprofunda. Enquanto o Sul21 apresenta um grande número de reportagens a respeito das políticas sociais e ambientais do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), detalhando iniciativas do movimento, a GaúchaZH não apresenta nenhuma matéria que abordam os mesmos assuntos, oferecendo um conteúdo com estrutura de *hard news*²³ voltado apenas para fatos pontuais.

²³ Noticiário baseado nos fatos mais importantes do dia

Outro ponto evidenciado nas categorias resultantes do levantamento é a respeito da densidade em cada assunto e para cada veículo. Enquanto o Sul21 compõe 10 das 11 categorias apresentadas, o portal GaúchaZH aparece com publicações em apenas 6 delas, deixando de lados temas como: Meio Ambiente e Ações Sócio-ambientais, Encontros/ Reuniões do MST, Produção de orgânicos, Educação e Saúde e Entrevistas. No número total de publicações também ficou claro o desequilíbrio, o Sul21 conta com 45 matérias publicadas à medida que a GaúchaZH apresenta 13 publicações no total, o que chama atenção pelo número destoante entre as redações inversamente proporcional ao número de publicações.

Abordando os posicionamentos é nítido a abertura que cada veículo propõe ao MST. Há maior participação e falas dos integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) nas reportagens do jornal online Sul21. Nos textos analisados, todos apresentam exposições e apontamentos dos trabalhadores do MST compondo as matérias em média com mais de duas falas. No caso das informações de GaúchaZH, nenhum apresenta participação direta dos componentes do movimento. O maior espaço concedido é disponibilizado ao poder público, ao direcionar o posicionamento aos integrantes do MST nota-se uma redundância colocando os discursos de forma impessoal e em nenhum momento publicando uma fala direta dos integrantes.

Ao levarmos em consideração a composição das matérias podemos refletir a respeito da participação das imagens. Nas publicações do online Sul21, há um número significativo de fotografias que mostram membros do MST (seus rostos), em uma abordagem mais pessoal. Em contraponto, o GaúchaZH utiliza apenas uma imagem fotografada do lado externo da ocupação que apresenta um portão fechado com uma bandeira do movimento sem a presença de nenhum integrante, exemplificando o próprio distanciamento da pauta.

Dessa forma, em atenção ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), os posicionamentos dos veículos estão claros, o Sul21 mantém a sua linha editorial que defende um jornalismo independente que busca dar visibilidade aos trabalhadores. Percebemos que a construção da notícia apresenta relação direta com a narrativa do polo ideológico proposto por Traquina (2004) que compreende o papel do jornalismo como aquele que serve socialmente à população. O veículo disponibiliza informações importantes a respeito de iniciativas do movimento que visam uma melhora social e ambiental para o restante da população, pautas que são

relevantes e muitas vezes deixadas em segundo plano pelo Estado e pela mídia tradicional. Assim se distancia da visão limitada que vê o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) com apenas o intuito de prejudicar os latifundiários, invadindo suas terras, entendimento daqueles que reduzem as suas preocupações ao lucro ou aos riscos de diminuição do mesmo.

Em contrapartida, GaúchaZH sustenta a narrativa da mídia tradicional, referido por Traquina (2004), como polo econômico. O veículo se dedica apenas a informar ao leitor fatos que envolvem o Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) que pontualmente tenham alguma relação com instituições públicas, colocando o movimento como secundário e invasivo. Percebe-se a distinção na linha editorial ao ponto que GaúchaZH evidentemente escolhe não criar nenhuma espécie de relação com o movimento. Compreendendo a relação do polo econômico com a sustentação do capitalismo, como trabalho nesta monografia, pode-se concluir que esse posicionamento é padrão daqueles que procuram manter relações financeiras estáveis para além de defender ações contra-hegemônicas que procuram uma reestruturação social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou investigar a relação da mídia e os movimentos sociais a partir da categorização das matérias, que abordavam o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), veiculadas pelo jornal online Sul21 e o portal GaúchaZH, objetivando perceber as nuances responsáveis pela construção das narrativas que acabam por traduzir as suas linhas editoriais. Para isso foi feito um trabalho de identificação dos conteúdos publicados, analisando desde a seleção das pautas, autoria, imagens, linguagem, adjetivos e finalização.

A escolha do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), como representante dos movimentos sociais na pesquisa, partiu da identificação de ações sociais fomentadas pelo movimento que busca o bem-estar social a partir de iniciativas socioambientais e de emancipação alimentar, entre outras. Além de ser tido como um dos mais amplos movimentos sociais da América Latina sendo fruto da luta pela reforma agrária no Brasil.

Sendo assim, percebe-se que tanto o jornalismo como os movimentos sociais caminham juntos com as pautas democráticas. Distanciar os movimentos sociais da população a partir de uma agenda restrita dos meios de comunicação de massa é o mesmo que afastar a população dos direitos de fazer parte de uma democracia representativa.

Partimos do pressuposto apontado por Lippmann²⁴ que os meios de comunicação de massa são o elo entre os acontecimentos do mundo e a visão que as pessoas têm desses acontecimentos. Logo, acreditamos ser importante que fique claro o posicionamento dos veículos a partir da compreensão que toda decisão é política e é responsabilidade dos meios de comunicação evidenciar à população os ideais que defendem.

O posicionamento antagônico entre o Sul21 e a Zero Hora nunca foi uma dúvida durante a construção deste trabalho, a distinção de posicionamento dos veículos é evidente para os leitores, o que deve ser colocado em pauta é como cada jornal se apresenta à sociedade partindo da identificação dessas diferenciações nas matérias publicadas. O que pretendíamos era melhor compreender por que o

²⁴ (1922 apud TRAQUINA, 2008).

noticiário sobre o MST era diferente nestes dois veículos e como isso se processava através da linha editorial de cada um.

O teórico, Nelson Traquina (2005), defende a teoria que o jornalismo moderno é composto por dois pólos: o ideológico e o econômico. Como ideológico, o autor compreende a atividade tendo como seu principal objetivo defender a democracia e servir socialmente a população. A perspectiva econômica advém da transformação dos meios de comunicação em mercadoria, o que prioriza a acumulação econômica e não tanto os princípios comunitários. Pudemos perceber, durante a pesquisa, a associação de cada veículo com os polos apresentados por Traquina (2005). A narrativa construída pelo jornal online Sul21 é facilmente identificada com o conceito de jornalismo ideológico, o próprio veículo apresenta-se como um defensor da democracia, dos direitos, da liberdade de expressão e do desenvolvimento social, pontos que não são abordados na definição ostentada pela Zero Hora, que se além a se apresentar como o maior jornal do Rio Grande do Sul.

Anterior ao conceito difundido por Traquina²⁵, Bourdieu (1997) pontuou a respeito da instrumentalização da profissão e a relação com a ascensão do capitalismo, com isso identificando e relacionando à perspectiva econômica. A partir das constatações expostas durante a pesquisa também podemos concluir a relação do jornalismo produzido pela Zero Hora, vinculado ao portal GaúchaZH, com o polo econômico. Identificamos o jornal como um conglomerado midiático com objetivos prioritariamente econômicos dando prioridade para a sua sustentação como maior veículo do estado do que de fato se comprometer com as pautas sociais.

É imprescindível sinalizar que dentre todas as matérias produzidas pelo portal GaúchaZH a respeito do MST no ano de 2019 nenhuma abordou ações de caráter social realizadas pelo movimento. Dentre elas, o projeto de plantação de 7 milhões de árvores, doação de 400 quilos de leite em pó, doação de uma tonelada de alimentos ao Hospital Santa Casa e ao Asilo São Vicente de Paulo em Alegrete, entre outros.

Ao abordar as ações, acima identificadas, o jornal online Sul21 demonstra sustentar uma linha editorial de acordo com aquilo que defende, deixando explícito o seu posicionamento à comunidade que acompanha o jornal. Servindo socialmente à população ao divulgar iniciativas do MST que buscam o desenvolvimento social.

²⁵ (2005)

O presente trabalho também buscou expor, de maneira sucinta, a construção histórica do jornalismo procurando dar visibilidade a relação da atividade e o seu compromisso ético com a defesa dos direitos humanos e a justiça social, bem como o entendimento dos valores democráticos sendo fundamentais para a profissão. É crucial dar visibilidade à história para não esquecermos dos momentos em que o jornalismo era impedido de exercer a sua função sendo constantemente censurado pela Ditadura Militar que assolou o país por 21 anos. Hoje, e sempre, o jornalismo tem a missão com a população de assegurar o sistema democrático e a liberdade de expressão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ÁVILA, Ana. **Entrevista: Institucional Sul21 e a relação com os movimentos sociais**. Porto Alegre, 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BORGES, Júlio de Azambuja. **O perigo vermelho nas páginas de Zero Hora: anticomunismo e a construção da legitimidade da ditadura civil-militar (1964-1968)**. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 9., 2008, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: ANPUH-RS, 2008. p. 7-17. Disponível em: http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1212344321_ARQUIVO_ArtigoIXENCONTROANP_UHRevisaoFinalJulioBorges.pdf. Acesso em: 5 novembro 2020

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão, seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos**. Rio de Janeiro. Zahar, 1997.

BRITTOS, Valérica Cruz; ANDRES, Marcio Turchiello. **Estratégias e desafios do RBS no cenário digital**. Unisinos: 2008

BUCCI, Eugenio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000

CUNHA, João Paulo. **Muito além dos dois lados in Democracia em crise: o Brasil contemporâneo**. Belo Horizonte: Nesp, 2017

DE SOUZA REIS, Cristiane. **Os bastidores da mídia e os movimentos sociais: o caso do MST**. Coimbra : [s.n.], 2011. Tese de doutoramento. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/17514> Acesso em: 4 outubro 2020

GÓES, Laércio Torres de. **Contra-hegemonia e Internet: Gramsci e a mídia alternativa dos movimentos sociais na web**. In: IX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Nordeste, Salvador-BA, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2007/resumos/R0364-1.pdf>>. Visto em: 25 outubro 2020

FILHO, Ciro Marcondes. **A saga dos cães perdidos**. São Paulo:Hacker Editores, 2000

FILHO, Ciro Marcondes. **Política e imaginário nos meios de comunicação para massas no Brasil**. São Paulo: SUMMUS, 1985.

FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira; SEIBT, Taís. **A contribuição de Max Weber para os estudos do jornalismo: um ensaio teórico-metodológico**. Porto Alegre. UFRGS: 2015

GUARESCHI, Pedrinho A. **Comunicação e controle Social**. Petrópolis. Vozes, 1991.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Os construtores da informação: meios de comunicação, ideologia e ética**. Petrópolis. Vozes, 2000.

HERMAN, Edward S.; CHOMSKY, Noam. **A manipulação do público**. São Paulo. Futura, 2003.

INSTITUCIONAL. Sul21, Porto Alegre, [2010]. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/institucional/>>. Acesso em: 20 outubro 2020.

JARDIM, Trajando Silva; BRANDÃO, Iolanda Santos. **Breve histórico da imprensa no Brasil: Desde a colonização é tutelado e dependente do Estado**, 2014. UNIEURO, Brasília, DF, n. 14, p. 131-171, 2014. Disponível em: [http://www.unieuro.edu.br/sitenovo/revistas/downloads/hegemonia14/Iolanda%20Brand%C3%A3o%20e%20Trajano%20Jardim%20\(6\).pdf](http://www.unieuro.edu.br/sitenovo/revistas/downloads/hegemonia14/Iolanda%20Brand%C3%A3o%20e%20Trajano%20Jardim%20(6).pdf). Acesso em: 10 outubro 2020

LAUREANO, Delze dos Santos. **O MST e a Constituição. Um sujeito histórico na luta pela reforma agrária no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

LEAL, Carlos Eduardo; DILLENBURG, Sérgio Roberto. Zero Hora. In: CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC). Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. São Paulo: CPDOC, [2009?]. Disponível em: <www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/zero-hora>. Acesso em: 10 outubro 2020.

MIGUEL, Luis Felipe. **Um ponto cego nas Teorias da Democracia: Os meios de comunicação**. Rio de Janeiro, 2000.

MONTIPÓ, Criselli. **Jornalismo e democracia: tensionamentos não democráticos**. Joinville, 2018

NOSSAS marcas. Grupo RBS, Porto Alegre, [201-?]. Disponível em: <<http://www.gruporbs.com.br/atuacao/zero-hora/>>. Acesso em: 15 outubro 2018.

REGINATTO, Giselle Dotto. **As finalidades do Jornalismo: o que dizem veículos, jornalistas e leitores**. Porto Alegre, 2016

SAMPAIO, Bruna Pessoa; BRUMATTI, Vítor Pachioni. **Um breve estudo exploratório a respeito da evolução do jornalismo**. São Paulo, 2017

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2004. v.1

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2005-2008. 2 v.

VIZEU, Beltrão Alfredo. **Os estudos e as teorias do jornalismo**. São Paulo, v.30, n.1, p. 13-34, jan./jun. 2007

WEBER, Max. **Sociologia da Imprensa: um programa de pesquisa**. Estudos em Jornalismo e Mídia, v.2, n.1, 2005

APÊNDICES

APÊNDICE A - Levantamento de matérias publicadas pelo jornal online Sul21 e pelo portal GaúchaZH durante o ano de 2019 que abordam o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Despejo/desocupação e ocupações -

Justiça manda MST desocupar terreno do governo do Estado

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2019/10/justica-manda-mst-desocupar-terreno-do-governo-do-estado-ck1ws2oyh07mr01n3uhoqwecs.html>

Principal centro de formação do MST no nordeste é alvo de despejo da gestão Bolsonaro

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2019/09/principal-centro-de-formacao-do-mst-no-nordeste-e-alvo-de-despejo-da-gestao-bolsonaro-ck10zjwh9010o01mtmogrc2n.html>

Justiça suspende despejo do principal centro de formação do MST no nordeste

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2019/10/justica-suspende-despejo-do-principal-centro-de-formacao-do-mst-no-nordeste-ck1uvdamt01sj01mm3ooxa6pe.html>

Oitocentas mulheres do MST invadem fazenda do João de Deus em Goiás

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2019/03/oitocentas-mulheres-do-mst-invadem-fazenda-de-joao-de-deus-em-goias-cjt7k3sxe00ad01mp5e6qtuxq.html>

MST ocupa área em Taquari, onde funcionava Fepagro, extinta por Sartori

<https://www.sul21.com.br/areazero/2019/10/mst-ocupa-area-em-taquari-onde-funciona-fepagro-extinta-por-sartori/>

MST ocupa fazenda em disputa há mais de 20 anos

<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2019/09/mst-ocupa-fazenda-em-disputa-ha-mais-de-20-anos/>

MST ocupa Secretaria de Agricultura de São Gabriel

<https://www.sul21.com.br/movimentos/2019/04/mst-ocupa-secretaria-da-agricultura-de-sao-gabriel/>

2. Desavença/negociações com o governo -

MST pede intervenção de leite para liberar dinheiro do BNDES

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/rosane-de-oliveira/noticia/2019/04/mst-pede-intervencao-de-leite-para-liberar-dinheiro-do-bndes-cjuk3vy5f00pv01p5wiew91zn.html>

Procuradores orientam Inbra a anular memorando que rompeu com MST

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2019/02/procuradores-orientam-incra-a-anular-memorando-que-rompeu-com-mst-cjskraz34005101o39sflvja6.html>

Inbra rompe com MST e determina fim de diálogo com líderes sem terra

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2019/02/incra-rompe-com-mst-e-determina-fim-de-dialogo-com-lideres-sem-terra-cjsgposab016w01t46tgt20ic.html>

Governo Bolsonaro recua em ordem de romper diálogo com MST

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2019/03/governo-bolsonaro-recua-em-ordem-de-romper-dialogo-com-mst-cjt6g435p007i01mp3labz6ca.html>

Governo Bolsonaro ameaça fechar escolas do MST que atendem 200 mil alunos

<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/politica/2019/01/governo-bolsonaro-ameaca-a-fechar-escolas-do-mst-que-atendem-200-mil-alunos/>

Incrá recua e volta a abrir diálogo com MST e organizadores sem CNPJ

<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2019/02/incra-recua-e-volta-a-abrir-dialogo-com-mst-e-organizacoes-sem-cnpj/>

3. Política de reforma agrária -

MST faz protesto no pátio do Incra em Porto Alegre contra paralisação da reforma agrária

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2019/04/mst-faz-protesto-no-patio-do-incra-em-porto-alegre-contraparalisa-da-reforma-agraria-cjujw7xwt02sj01rtvevrl1h.html>

Ex-sem-terra, gaúcho que virou fazendeiro critica MST e modelo de reforma agrária

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2019/05/ex-sem-terra-gaicho-que-virou-fazendeiro-critica-mst-e-modelo-de-reforma-agraria-cjvt8yiq704qr01ohh73bok3v.html>

MST reúne-se com Leite e cobra retomada de políticas de Reforma Agrária

<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/politica/2019/04/mst-reune-se-com-leite-e-cobra-retomada-de-politicas-de-reforma-agraria/>

MST protesta em Porto Alegre contra desmonte da Reforma Agrária

<https://www.sul21.com.br/movimentos/2019/04/mst-protesta-em-porto-alegre-contradesmonte-da-reforma-agraria/>

Após sinalização de suspensão da reforma agrária, MST prevê: 'Luta pela terra vai florescer com mais força'

<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/politica/2019/01/apos-sinalizacao-de-suspensao-da-reforma-agraria-mst-preve-luta-pela-terra-vai-florescer-com-mais-forca/>

4. Ataques/ Violência -

Motorista mata homem após avançar sobre manifestantes do MST em São Paulo

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/transito/noticia/2019/07/motorista-mata-homem-apos-avancar-sobre-manifestantes-do-mst-em-sp-cjy90zn5c001501p1o6its5ls.html>

5. Manifestações -

Na mira de Bolsonaro, MST faz mobilização 'comportada' no Dia da Mulher

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2019/03/na-mira-de-bolsonaro-mst-faz-mobilizacao-comportada-no-dia-da-mulher-cjt0oup3o017601p53qxdufvh.html>

'Bayer Monsanto é morte': mulheres do MST protestam em frente à sede da empresa em SP

<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2019/09/bayer-monsanto-e-morte-mulheres-do-mst-protestam-em-frente-a-sede-da-empresa-em-sp/>

MST faz ato para lembrar sem-terra assassinado no interior de São Paulo

<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2019/07/mst-faz-ato-para-lembrar-sem-terra-assassinado-no-interior-de-sp/>

MST faz ato contra o veto a feira nacional da reforma agrária em SP

<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2019/04/mst-faz-ato-contra-veto-a-feira-nacional-da-reforma-agraria-em-sp/>

Mulheres do MST e do MAM trancam passagem do trem da vale em Minas Gerais

<https://www.sul21.com.br/movimentos/2019/03/mulheres-do-mst-e-do-mam-trancam-passagem-do-trem-da-vale-em-minas-gerais/>

6. Meio ambiente e ações sócio-ambientais -

MST plantará 7 milhões de mudas de árvores no RS

<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2019/12/mst-plantara-7-milhoes-de-mudas-de-arvores-no-rs/>

MST vai plantar 100 milhões de mudas de árvores em dez anos para reflorestar o Brasil

<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2019/12/mst-vai-plantar-100-milhoes-de-mudas-de-arvores-em-dez-anos-para-reflorestar-o-brasil/>

MST doa 400 quilos de leite em pó para iniciativas sociais no RS

<https://www.sul21.com.br/movimentos/2019/07/mst-doa-400-quilos-de-leite-em-po-para-iniciativas-sociais-no-rs/>

MST doa uma tonelada de alimentos a instituições no RS

<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2019/06/mst-doa-uma-tonelada-de-alimentos-a-instituicoes-no-rs/>

MST ajuda a desenvolver agroecologia no Haiti

<https://www.sul21.com.br/movimentos/2019/01/mst-ajuda-a-desenvolver-agroecologia-no-haiti/>

'Rondônia está morrendo sufocada': moradores sofrem com incêndio de 15 dias em reserva MST

<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2019/08/rondonia-esta-morrendo-sufocada-moradores-sofrem-com-incendio-de-15-dias-em-reserva-mst/>

Acampamento do MST às margens do Paraopeba sente os efeitos do rompimento da barragem

<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2019/02/acampamento-do-mst-as-margens-do-paraopeba-sente-os-efeitos-do-rompimento-da-barragem/>

7. Encontros/Reuniões MST -

"Nunca antes na história tanta desigualdade" diz Stedile no 19º Encontro Estadual do MST

<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/politica/2019/12/nunca-antes-na-historia-teve-tanta-desigualdade-diz-stedile-no-19o-encontro-estadual-do-mst/>

MST/RS realiza 19º Encontro Estadual em Nova Santa Rita

<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2019/12/mst-rs-realiza-19o-encontro-estadual-em-nova-santa-rita/>

"A justiça começou a enfrentar esse governo", destaca Haddad em seminário do MST

<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/politica/2019/06/a-justica-comecou-a-enfrentar-esse-governo-destaca-haddad-em-seminario-do-mst/>

Cooperativa do MST com enfoque em agroecologia completa 25 anos

<https://www.sul21.com.br/movimentos/2019/05/cooperativa-do-mst-com-enfoque-agroecologico-completa-25-anos/>

Romaria da Terra pauta alimentação saudável em assentamento do MST

<https://www.sul21.com.br/areazero/2019/02/romaria-da-terra-pauta-alimentacao-saudavel-em-assentamento-do-mst/>

MST celebra 35 anos e reafirma luta por Reforma Agrária e alimentos saudáveis

<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2019/01/mst-celebra-35-anos-e-reafirma-luta-por-reforma-agraria-e-alimentos-saudaveis/>

MST/RS comemora 30 anos de luta na região da Campanha

<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2019/12/mst-rs-comemora-30-anos-de-luta-na-regiao-da-campanha/>

Carta do MST ao povo brasileiro por Coordenação Nacional do MST

<https://www.sul21.com.br/opiniaopublica/2019/01/carta-do-mst-ao-povo-brasileiro-por-coordenacao-nacional-do-mst/>

8. Produção de orgânicos -

MST investe em pesquisa para melhorar produção de arroz orgânico no RS

<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2019/11/mst-investe-em-pesquisa-para-melhorar-producao-de-arroz-organico-no-rs/>

Produção de arroz orgânico do MST chega à Bahia: “ Dia histórico”, celebra dirigente

[https://www.sul21.com.br/movimentos/2019/03/producao-de-arroz-organico-do-mst-
hega-a-bahia-dia-historico-celebra-dirigente/](https://www.sul21.com.br/movimentos/2019/03/producao-de-arroz-organico-do-mst- chega-a-bahia-dia-historico-celebra-dirigente/)

Chefes de cozinha e representantes de prefeituras conhecem produção orgânica do MST

[https://www.sul21.com.br/movimentos/2019/03/chefes-de-cozinha-e-representantes-
de-prefeituras-conhecem-producao-organica-do-mst/](https://www.sul21.com.br/movimentos/2019/03/chefes-de-cozinha-e-representantes-de-prefeituras-conhecem-producao-organica-do-mst/)

Experiência do MST na produção ecológica de arroz vira livro

[https://www.sul21.com.br/movimentos/2019/03/experiencia-do-mst-na-producao-ecol-
ogica-de-arroz-vira-livro/](https://www.sul21.com.br/movimentos/2019/03/experiencia-do-mst-na-producao-ecologica-de-arroz-vira-livro/)

MST celebra colheita de arroz orgânico do Rio Grande do Sul

[https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2019/03/mst-celebra-colheita-de-arro-
z-organico-no-rio-grande-do-sul/](https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2019/03/mst-celebra-colheita-de-arroz-organico-no-rio-grande-do-sul/)

Arroz orgânico: Festa do MST em celebração a colheita será em Nova Santa Rita

[https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2019/03/arroz-organico-festa-do-mst-
em-celebracao-a-colheita-sera-em-nova-santa-rita/](https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2019/03/arroz-organico-festa-do-mst-em-celebracao-a-colheita-sera-em-nova-santa-rita/)

MST incentiva produção de alimentos orgânicos em associação de moradores em Canoas

<https://www.sul21.com.br/movimentos/2019/02/mst-incentiva-producao-de-alimentos-organicos-em-associacao-de-moradores-em-canoas/>

9. Educação e Saúde -

MST promove debate sobre direito das crianças a escola pública de qualidade no campo

<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2019/10/mst-promove-debate-sobre-direito-das-criancas-a-escola-publica-de-qualidade-no-campo/>

MST repudia ataques do ministro Abraham Weintraub contra educação do campo

<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2019/04/mst-repudia-ataques-do-ministro-abraham-weintraub-contra-educacao-do-campo/>

Estágio interdisciplinar de vivências é sediado por assentamentos do MST no RS

<https://www.sul21.com.br/movimentos/2019/02/estagio-interdisciplinar-de-vivencias-e-sediado-por-assentamentos-do-mst-no-rs/>

MST explica conquistas do Sem Terra e repudia reportagem da Record

<https://www.sul21.com.br/movimentos/2019/02/mst-explica-conquistas-do-sem-terra-e-repudia-reportagem-da-record/>

Alvo de secretário ruralista, escolas do MST são referência em alfabetização no campo

<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2019/01/alvo-de-secretario-ruralista-e-escolas-do-mst-sao-referencia-em-alfabetizacao-no-campo/>

MST conquista unidade básica de saúde no Rio Grande do Sul

<https://www.sul21.com.br/movimentos/2019/02/mst-conquista-unidade-basica-de-sau-de-no-rio-grande-do-sul/>

10. Entrevistas -

De estrela do mercado financeiro a amigo do MST, a jornada de Eduardo Moreira

<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2019/09/de-estrela-do-mercado-financieiro-a-amigo-do-mst-a-jornada-de-eduardo-moreira/>

“ O MST vai resistir ativamente. Não vamos pegar a sacola e ir pra casa”

<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/politica/2019/02/o-mst-vai-resistir-ativamente-nao-vamos-pegar-a-sacola-e-ir-para-casa/>

11. Ações e Eventos Sócio-Culturais -

Lula joga futebol com Chico Buarque em campo do MST

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2019/12/lula-joga-futebol-com-chico-buarque-em-campo-do-mst-ck4hf2mmo01vk01p5z9i1esok.html>

Filme sobre MST será exibido na assembléia geral da ONU; Bolsonaro estará presente

<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2019/09/filme-sobre-mst-sera-exibido-na-assembleia-geral-da-onu-bolsonaro-estara-presente/>

Caetano Veloso visita assentamento do MST e defende produção agroecológica

<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2019/03/caetano-veloso-visita-assentamento-do-mst-e-defende-producao-agroecologica/>

Filme “Chão”, que retrata luta do MST, chega às telas do 69 Festival de Berlim

<https://www.sul21.com.br/movimentos/2019/02/filme-chao-que-retrata-luta-do-mst-chega-as-telas-do-69o-festival-de-berlim/>



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br